

5. Egresso, Recaídas e Sobriedade

A metodologia adotada para a elaboração do presente estudo foi a da pesquisa qualitativa, por ser recomendada para se trabalhar com dados subjetivos, por responder, segundo Minayo (1994), a questões muito particulares, e por permitir, segundo Goldenberg (2000), descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos, proporcionando, dessa forma, o melhor entendimento da realidade do adicto e de sua família, pós-internação na unidade masculina da Fazenda da Esperança de Manaus, AM, no que se refere aos motivos que o levam de volta ao vício. A postura qualitativa adotada em relação ao objetivo da investigação e as estratégias para obtenção das informações e sua análise, não impediu que trabalhássemos os números na interface com a subjetividade.

Ao selecionarmos o seguimento dos egressos, como sujeitos privilegiados para responder à inquietação primeira, proposta de compreensão dos motivos que afetaram a reincidência à drogadição, escolhemos os anos de 2005 a 2008 com uma abrangência de coleta de dados, considerando ser nesse o período que a Obra dispunha da documentação que interessava o estudo. Além disso, foi a partir desse material documental, que foi possível chegar a cinco egressos da Fazenda Esperança e seus respectivos familiares para efetivar o procedimento de entrevista semi-estruturada, garantidor do foco do interesse almejado, ao mesmo tempo, o sentido particular dos entrevistados.

Os critérios utilizados para a participação dos egressos foram a conclusão integral do programa de recuperação na unidade, no período eleito para o estudo e a adesão deles e de um de seus familiares à pesquisa.

Para atender aos objetivos visados foi considerado como membro familiar o parente consanguíneo ou aquela pessoa ligada por afeto, que acompanhou os doze meses de tratamento do adicto egresso: pai, mãe, avós, irmãos, tios e cônjuges.

A faixa etária dos egressos entrevistados variou entre 27 a 37 anos e dos familiares entre 30 a 82 anos, todos residindo em Manaus, sendo a maioria na zona urbana e apenas um na zona rural.

Para a operacionalização da coleta dos dados documentais foi seguido um esquema que possibilitou traçar o perfil sócio-demográfico dos entrevistados, como: idade, escolaridade, ocupação, estado civil, número de filhos, composição familiar, tipos de relacionamentos familiares, conduta anti-social, início do uso de drogas, motivos que o motivaram à aderir às drogas, evolução do uso, abuso e dependência, se teve problemas com a justiça, tempo de dependência ao ingressar na FE, problemas trazidos pela dependência química, e datas de entrada e saída da FE.

Para as entrevistas com os egressos e seus familiares foram elaborados roteiros distintos que contemplassem o reconhecimento do subjetivo, afetivo, valorativo e opinativo dos mesmos.

É bom sinalizar que esses procedimentos só ocorreram após aprovação do projeto de pesquisa ter sido aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e posterior permissão da unidade masculina da FE de Manaus ser concedida. Ainda na sede da FE selecionamos os cinco possíveis participantes da pesquisa e iniciamos os contatos com os mesmos, via telefone, para esclarecer sobre o trabalho a ser desenvolvido e efetuar o convite para a sua participação, informando que seria imprescindível também a participação de um membro familiar, que tivesse acompanhado a sua trajetória na FE. Após conversarmos com cada um, explicarmos o objetivo da pesquisa e aguardarmos a confirmação de um familiar, conseguimos agendar as entrevistas.

A primeira entrevista foi realizada com um egresso e na própria sede da unidade, posto que o mesmo estava passando uma semana lá compartilhando sua folga com os atuais internos. As demais entrevistas foram realizadas nas residências dos internos e familiares e/ou em seus ambientes de trabalho, sempre nos locais indicados por eles, que referiam que teriam mais confiança e segurança no espaço escolhido por eles. Assim aconteceu a primeira entrevista com o egresso e, posteriormente, com seu parente, mas cada um separado do outro. Cabe ressaltar que as entrevistas ocorreram todas no mês de novembro de 2010 em dias alternados e mesmo as duplas (egresso e familiar) nem sempre coincidiram de serem ouvidas no mesmo dia e local.

O primeiro contato com os participantes da pesquisa era sempre o de apresentação e esclarecimento a respeito do trabalho desenvolvido, quando lhe era apresentado o Termo de Consentimento Livre e esclarecido (Anexo) e solicitado a

sua leitura e assinatura para que pudéssemos dar início à aplicação dos instrumentos da pesquisa.

O roteiro para as entrevistas era composto de duas partes: se iniciava com a coleta de alguns dados pessoais de ambos, egresso ou familiar e, posteriormente, se passava para a parte gravada. A primeira parte (dos dados pessoais) foi registrada manualmente e a segunda foi gravada e, posteriormente, transcrita. Cabe ressaltar que em muitas ocasiões a conversa sobre alguns dos itens do roteiro se prolongou mais que outros itens e isso variava de acordo com as colocações de cada participante. Além disso, em um caso específico da entrevista familiar, os parentes ouvidos foram mais de um (tia e avô), diferentemente dos demais egressos em que a participação coube apenas a um familiar.

No final de cada entrevista foi dada a oportunidade de todos acrescentarem o que achasse conveniente e todos fizeram uso da oportunidade oferecida. Após ouvi-los, as entrevistas se encerravam com os agradecimentos pela adesão, pelo tempo disponibilizado e pela colocação também da nossa disponibilidade para qualquer eventualidade com relação ao trabalho desenvolvido.

As entrevistas duraram em média sessenta minutos para os egressos e quarenta minutos para os familiares.

O agrupamento dos dados alcançados pela leitura dos documentos localizados na FE de Manaus, e dos resultados das transcrições das entrevistas realizadas, permitiu construir três grupos de análises de conteúdos expressos nas narrativas livres. Na sequência se apresentam como: Perfil do Egresso, Permanência na Fazenda da Esperança, e Familiar do Egresso: Recaídas e Sobriedades.

5.1.

Perfil do Egresso

Começaremos a apresentação dos resultados do nosso estudo, por um breve resumo de cada um dos egressos entrevistados, para situá-los dentro do seu contexto e assim, termos melhor compreensão de suas vivências. A identificação

que daremos a eles será por número: Egresso 1, Egresso 2, Egresso 3, Egresso 4 e Egresso 5.

O Egresso 1, solteiro, com Ensino Médio completo, tinha 26 anos quando procurou a FE em 2007 para se libertar da dependência. Era lutador de Jiu Jitsu e com 18 anos, para fugir dos problemas familiares (o pai bebia muito e batia na mãe), buscou refúgio nas drogas. Iniciou com a maconha, posteriormente passou para a pasta base e evoluiu para a cocaína. Após o consumo se tornou agressivo, perdeu o emprego, passou a roubar dentro de casa e acabou todos os relacionamentos afetivos.

Durante a permanência na FE não apresentou problemas, era extrovertido, sociável e em suas horas vagas estava sempre se exercitando nos aparelhos de ginástica disponíveis na FE. Tinha muitos planos ao sair e um deles era de voltar a lutar Jiu Jitsu. Após recair, retornou para a fazenda em outras unidades do sul e sudeste onde passou mais um ano. Hoje, está com 30 anos, voltou a praticar Jiu Jitsu e a participar de torneios. Frequenta a FE e o GEV. Ainda mora com os pais e irmãos, e tem um filho, que só vê nos finais de semana. Tem dificuldade de relacionamento com o pai e muita afinidade com a mãe e uma conduta que já o fez se desentender na rua, a ponto de brigar fisicamente.

O seu familiar que participou da entrevista e que identificaremos como Família 1 foi a sua mãe, que tem 58 anos e uma relação de dedicação grande com o filho. Participou efetivamente de todas as atividades oferecidas pela FE para os familiares e continuou participando mesmo no período em que ele permaneceu recaído. Aparentemente tem uma aparência frágil, mas conversando com ela e observando suas atitudes se percebe sua força interior e persistência, que foram fundamentais para o soerguimento de seu filho.

O Egresso 2 começou a usar drogas com 16 anos por curiosidade e influência dos colegas e só aceitou ajuda dos familiares para ingressar na FE com 23 anos. Seu vício era a cocaína e por causa dela começou a se desentender com a família, deixou de estudar, se isolou, teve problemas com a polícia por porte de drogas e chegou a roubar. Esteve a primeira vez na FE em 2005, por imposição da família e só conseguiu ficar por três dias, mas voltou em 2006, quando reconheceu que tinha problemas e aceitou ajuda para se internar.

Nos seus primeiros meses no programa teve muita dificuldade em aceitar as regras, reclamava muito e queria impor sua vontade, mas com o tempo e com o

susto que passou com um problema de saúde vivenciado pela sua mãe (AVC), se voltou mais para as atividades religiosas, buscando se desenvolver espiritualmente. Ele tem hoje 27 anos, solteiro, autônomo, ensino médio incompleto, sem conduta anti-social e com bom relacionamento com os pais. Como entrou cedo no mundo das drogas, perdeu parte de sua juventude e, como diz, não teve tempo de namorar e se envolver afetivamente com outras pessoas. Quando saiu da FE se envolveu com mais de uma mulher, gerando dois filhos, sendo um nascido em janeiro de 2011 e o outro em fevereiro de 2011. Continua freqüentando o GEV e vai sempre à FE nos dias de visitas, além de participar de seus eventos.

A entrevistada de sua família foi sua mãe (que chamaremos de Família 2), uma pessoa carismática, hoje com 52 anos. Acompanhou a trajetória de seu filho na FE e seguiu todas as orientações que lhe foram repassadas por ocasião da internação do mesmo. Esteve presente em todas as atividades promovidas pela FE e pelo GEV o que continua fazendo até hoje, agora também como membro da Família da Esperança. Dessa forma, soube como agir com o seu filho por ocasião da sua recaída e como trazê-lo de volta à sobriedade.

O Egresso 3 é motorista de profissão e cursou até o 3º ano do Ensino Médio, mas não concluiu, porque a droga não deixou. Com 14 anos se deixou influenciar pelas más companhias e começou a fumar maconha, se tornando posteriormente, segundo ele, um “clínico geral” que na linguagem do vício significa usar tudo o que aparecesse (pasta, cocaína, etc.). Por causa do uso passou a ter conflitos familiares, deixou de estudar e também chegou a furtar chegando a responder processo por isso e esse foi o motivo de ter aceitado ajuda para se internar em 2004, com 25 anos, após 10 anos de uso.

Sua fase inicial na FE foi bem difícil, pois usava de sua capacidade intelectual para manipular os outros em benefício próprio. Teve alguns problemas com a mãe de seus filhos quando estava internado e isso interferiu na sua caminhada, mas conseguiu completar seu ano de tratamento. Era solteiro, mas já vivia com a atual esposa com quem já tinha dois filhos. Atualmente está com 31 anos, tem três filhos, casou em 2009 com a mãe deles. Possui ótimo relacionamento com os pais. Acumula o emprego de motorista com sua atuação como DJ que complementa a sua renda familiar. Está sempre participando de

todas as atividades da FE e em 2010 passou a fazer parte da Família da Esperança, junto com a esposa.

A representante familiar do Egresso 3 foi a sua esposa, que identificaremos como Família 3. Ela atualmente está com 30 anos, tem quase dois anos de casada, mas seu relacionamento com o Egresso 3 é bem antigo e quando ele entrou na FE em 2004, já tinham dois filhos juntos, sendo que o terceiro nasceu depois. Durante a internação do seu marido ela participou das visitas mensais, junto com os pais dele, que também se fizeram presentes, principalmente o pai. Com relação às reuniões do GEV a participação foi pouca, o que causava grande desconforto nele, mesmo sem querer externar, apesar de todos os percalços, permaneceram juntos, mesmo quando ele envolveu-se com mulheres e mesmo nas recaídas com as drogas. Pela sua persistência e resistência, hoje está feliz com a realização de seus planos: o casamento, que ocorreu em 2009 na própria FE, a compra de uma casa e de um carro.

O Egresso 4 iniciou cedo sua trajetória nas drogas, com apenas 10 anos, passando da maconha para a pasta base. Imputa o seu início às drogas à influência dos colegas, mas também ao excesso de liberdade que tinha e à falta de orientação sobre o assunto. Perdeu a confiança da família, perdeu vários empregos e passou a roubar dentro e fora de casa, sendo seu vício o responsável pelo fim de três relacionamentos e abandono de seu curso de graduação em Marketing.

Chegou na Fazenda em 2007, com 33 anos, por orientação de seus familiares. Sua trajetória no programa se fortaleceu após atuar na peça, que anualmente é montada, da Festa de São Francisco para a Juventude. Ele também se envolveu com a equipe de acompanhamento das missas da FE. Quando completou seu tratamento de doze meses, quis ficar mais um ano se doando como voluntário e fazendo valer um ditado que muito se ouve na FE: *dando de graça o que de graça recebeu*.

Apesar da separação de seus pais convive bem com os dois, mora com suas irmãs solteiras, mas se dá muito bem com a irmã casada e o cunhado. Hoje com 37 anos, é motorista, está noivo e disposto a constituir uma nova família. Frequenta a FE mas não com a mesma assiduidade de antes e alega ser devido ao trabalho. Sua representante familiar na entrevista foi sua irmã casada, que tem 40 anos e mesmo não morando com ele nunca deixou de acompanhá-lo. Ela, o marido e as filhas, juntamente com as outras irmãs e a mãe acompanharam o

Egresso 5 durante todo o tratamento. A mãe, como mora em outro estado, vinha apenas nos dias de visita, mas as irmãs freqüentavam também os GEV e as outras atividades da FE, o que continuam a fazer até hoje. Essa irmã tem ligação muito forte com o irmão e quando ele não está bem é sempre à ela que ele recorre.

O Egresso 5 tem hoje 34 anos mas ingressou na FE em 2005 com 29 anos e após 15 anos de uso de drogas. Segundo ele, seu ingresso no vício começou quando tinha 14 anos, com a bebida, pois via seus tios beberem e começou a fazer uso também, e aos 16 anos, devido a pressão em casa (o pai bebia muito) e a influência dos colegas, passou a fumar maconha evoluindo depois para a cocaína e a pasta base. Por causa do vício perdeu o interesse pelos estudos e passou a ter problemas familiares e financeiros, chegando a ser preso por porte de drogas e por brigas, pois tem até hoje um temperamento muito impulsivo. Aliás, este sempre o acompanhou durante o tratamento na FE, sendo contido, quando manifestado, pelos seus colegas, coordenador da casa em que morava e/ou pelo padrinho.

Logo no início retornou para casa devido uma briga na instituição, mas depois voltou ao programa para completar seu tempo. Seus pais se separaram e ele foi criado pelos avôs e tios. Posteriormente sua avó faleceu, o abalando com essa perda. Não completou o ensino médio, é motorista, mas trabalha por conta própria. Atualmente vive com uma jovem ex-dependente com quem tem um filho, considerando-se pai dos dois enteados.

No caso específico do Egresso 5 participaram da entrevista sua tia (56 anos) e seu avô com 82 anos. Os dois acompanharam o referido egresso durante seu tempo de permanência na FE, participando principalmente das visitas. Eles sempre procuraram apoiar o sobrinho/ neto em todas as suas dificuldades, principalmente no que se refere a trabalho. O pequeno comércio que hoje ele tem e do qual sobrevive, assim como as vassouras que produz, são originários da contribuição do pai, que doou o terreno e o ajudou a construir a casa. Os tios e avô o incentivam até hoje.

Após este resumo, passaremos a analisar alguns fragmentos dos documentos da FE e discursos dos participantes das entrevistas.

A análise dos prontuários, cartas e fichas dos egressos da unidade no período de 2005 – 2008, teve como objetivo principal dar os traços significativos do Perfil do Egresso. Para isso, nos valem de dados quantitativos reunidos em tabelas e fragmentos dos documentos disponíveis.

As tabelas 3 a 5 foram trabalhadas com o universo de 501 frequentadores, do programa de recuperação da FE, no período estudado. As tabelas 6 a 11 mostram dados referentes aos 146 egressos que concluíram o programa de recuperação de doze meses.

Primeiramente procuramos identificar, através da Tabela 3, todos os adictos que entraram na FE de Manaus nos anos de 2005-2008 e os que não completaram o ciclo de doze meses do programa de recuperação, quer seja por desistência própria ou por desligamento por parte da FE, e finalmente os que concluíram.

Tabela 3- Ingressantes, Desistentes e Concluintes dos Internos da FE no Período 2005-2008

ANO	INGRESSANTES	(%)	DESISTENTES				TOTAL DESISTENTES	(%)	CONCLUÍNTES	(%)
			DESISTENTES	(%)	DESLI GADOS	(%)				
2005	139	100	80	58	35	25	115	83	24	17
2006	125	100	85	68	12	10	97	78	28	22
2007	109	100	57	52	9	9	66	61	43	39
2008	128	100	68	53	9	7	77	60	51	40
TOTAL	501	100	290	58	65	13	355	71	146	29

Fonte: Dados fornecidos pela FE de Manaus - Unidade Masculina (2005-2008).

A Tabela 3 evidencia que dos adictos que procuraram a FE para tratamento no período referido, 71% não concluíram o programa, sendo 58% por desistência e 13% por desligamento,¹¹ restando apenas os 29% que conseguiram concluir o tratamento. É perceptível também, que houve um significativo decréscimo do quantitativo de desligados de 2005 para 2008 e de desistentes de 2007 para 2008. Consequentemente cresceu o número de concluintes ano a ano.

Há de se considerar que um índice de 71% de desistência é bem alto para quem escreve uma carta solicitando ajuda para se libertar das drogas e fica, na grande maioria das vezes, aguardando em lista de espera ser chamado para iniciar

¹¹ Desligamento: ocorre quando o adicto não se adapta às regras e normas da FE e quando começam a prejudicar o tratamento dos colegas, é convidado a deixar a FE e voltar para casa.

o tratamento da FE. Vejamos os trechos de algumas cartas escritas¹² pelos adictos à FE, em busca de vaga:

Me chamo... tenho 19 anos e sou mais um vitima das drogas. Sou usuário há 2 anos, e praticamente, já perdi tudo que tenho, meu caráter, minha dignidade, tudo, tudo que vocês imaginarem. Família, emprego, moral. Direitos, tudo isso a Droga tirou de mim. A única coisa que me resta é a vida.

(...) Esperança tenho muitas, esperança de uma vaga, esperança de mudar a minha vida, esperança de um dia voltar a viver. De um jovem que acredita na mudança (M. C. C., 2005).

Meu nome é... tenho 34 anos sei que é difícil confessar. Sou dependente químico (álcool), sei que cheguei ao fundo do poço, e preciso sair com a ajuda da minha família e de Deus o qual eu acredito muito. Tenho vontade de deixar de beber, de ser humilhado por quase todas as pessoas e mostrar que posso ser respeitado. (S. M. S., 2006).

Me chamo... tenho 22 anos, e estou precisando de ajuda, para me livrar dos vícios e manias que tanto afligem minha vida (...) entrei nessa achando que seria fácil me livrar, porém, meu vício se tornou há alguns anos “prioridade máxima”. Meus dias vem sendo pautados pela imperativa vontade de usar maconha, cocaína, cigarros, bebidas. (...)

Usando essas substâncias alucinógenas diariamente foi-se minando minha auto-estima (...), e isso me motivou a fazer coisas que outrora eram impensáveis, corruptas e imundas aos meus olhos. Por isso já tentei parar uma dúzia de vezes sem sucesso, e a cada recaída, retorno com mais força. (...) quero parar e preciso parar, mas infelizmente sem ajuda sei que não vou conseguir (B. M. L., 2007)

É com muita ansiedade que lhes escrevo (...) sou viciado em maconha e pasta base de cocaína e estou sofrendo com o vício. (...)

Estou desesperado e com muito medo, sonho em ter uma vida normal sem drogas. Creio que posso me recuperar, pois a vontade vem do meu coração.

Estou levando uma vida errada (...). Quem sabe se um dia eu volte a morar com as pessoas que eu amo: minha mãe (ela é pai e mãe), meus irmãos e meus avôs que me amam tanto, e mostrar para eles e para outras pessoas que me rodeiam que eu tenho a capacidade de ser uma pessoa melhor (A. T. N., 2008).

Estes depoimentos revelam, de um lado, um apelo desesperado de busca de saída de uma situação que incomoda e aponta como consequências, fragilidades (recaídas) e perdas (dignidades, família, emprego, moral), de outro lado revela “a esperança de mudar a vida”. A expectativa de começar um novo processo de recuperação e a vontade de compartilhar com a família são anunciadas: “creio que posso me recuperar, pois a vontade vem do meu coração”.

No período analisado, a desistência de permanência na FE é significativa, como vimos, mas ressalta-se que a mesma vem tendo contornos melhores no decorrer dos anos. Isso é animador e justifica a importância de ouvir quem não

¹² As cartas foram digitadas da mesma forma como foram escritas pelos adictos, sem nenhum conserto ortográfico.

conseguiu concluir seu tratamento para melhor avaliar o próprio dado da desistência.

Uma constatação que pode ser feita a partir da análise das cartas é que muitos são levados até a FE não por convencimento e sim por imposição familiar, um fato que deve ser considerado para entender o que acontece com o interno que, na primeira dificuldade na vivência do programa, chegue à desistência.

O trecho a seguir, retirado de carta escrita por um adicto, evidencia a força do convencimento da família e que ele estava indo para tentar minorar o sofrimento da família e para se tornar uma pessoa melhor para a família e sociedade e não pra ele mesmo. Não fala do próprio sofrimento e sim do da família:

Cheguei a um ponto onde nada mais tem a menor graça, minha família está sofrendo por minha causa e pelos meus vícios. Não tenho a menor noção de como é aí, mas minha mãe e minha avó me disseram que vocês podem me ajudar, só espero que não seja muito monótono e que tenha bastante gente interessante além de vocês. Espero ficar melhor do que estou agora, para me tornar um cidadão importante para minha família e útil à sociedade (T. G. S. S., 2005).

Noutro fragmento, notamos que a iniciativa não partiu dele, mas da família:

Sou o (...), tenho 27 anos. Hoje tive uma conversa com minha mãe, onde ela me falou sobre a importância da vida (...) Então ela me pediu que eu desse uma chance para a minha vida (...) E foi então que eu decidi dar uma chance a minha vida dando-me a oportunidade ser ajudado por esta instituição (J. G. L. J., 2007).

Nesta outra ele declara que vai lutar para aceitar o tratamento, ou seja, ele solicita o tratamento, mas já declara que não sabe se vai conseguir concluí-lo:

Faz mais ou menos 20 anos que sou usuário de droga, e acho que já cheguei ao limite, tenho 41 anos e perdi grande parte da minha vida, totalmente dependente do vício, e ferindo e magoando a minha família. Gostaria de ser aceito (...) vou lutar para aceitar este tratamento e ficar curado (D. C. P., 2006).

Recordemos o que diz Kalina (2001) sobre o assunto:

Em geral, o adicto não busca ajuda e são os outros que o trazem ao tratamento. Ele percebe que se curar, no sentido de mudar, é um péssimo negócio, pois significa enfrentar tudo aquilo do que ele fugiu, ao valer-se do mundo mágico e ilusório da droga, e, ademais, com

a complicação de que os outros exigem-lhe que se responsabilize pelas consequências de seus atos (Kalina, 2001, p. 19).

Ao convencer ou impor o tratamento ao seu adicto, a família age em reconhecimento à sua falta de conhecimento e impotência em lidar com o problema, principalmente quando o usuário não foca o tratamento. Por outro lado, se o adicto não estiver convencido de sua adicção e não quiser sair dela, dificilmente conseguirá enfrentar as dificuldades inerentes ao tratamento e certamente deixará o programa antes de seu término.

Além disso, esses que desistem fazem jus a impaciência inerente a eles, pois no afã de quererem ficar curados sem que precisem desenvolver nenhum esforço para isso e sem que haja qualquer tipo de mudança, de limites e de responsabilidades (Kalina, 2001), não conseguem passar os doze meses do programa e a sua impaciência não lhes permitem sequer passar o período de adaptação que, na FE, são os três meses iniciais. Na experiência da Obra, percebe-se que quem consegue permanecer até a primeira visita, tem mais condições de permanecer até o final tratamento. A Tabela 4 apresenta a distribuição dos adictos que entraram na FE no período de 2005-2008, por faixa etária.

Tabela 4- Faixa-Etária dos Adictos que Entraram na FE no Período 2005 – 2008
(N=501)

ANO	10 a 15 ANOS			16 a 20 ANOS			21 a 25 ANOS			26 a 30 ANOS		
	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.
2005	4	-	2	15	8	3	28	14	6	8	6	1
2006	1	-	-	27	3	4	20	5	6	20	3	5
2007	-	-	1	14	3	8	13	3	12	10	3	7
2008	-	-	-	12	2	9	25	3	18	12	2	11
TOTAL	5	0	3	68	16	24	86	25	42	50	14	24
TOTAL GERAL	8 (2%)			108 (22%)			153 (31%)			88 (16%)		

ANO	31 a 35 ANOS			36 a 40 ANOS			41 a 45 ANOS			46 a 50 ANOS		
	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.
2005	11	5	1	6	1	2	3	1	2	2	-	1
2006	5	-	6	7	-	2	2	-	3	1	1	1
2007	8	-	6	5	-	3	4	-	1	2	-	3
2008	7	1	3	3	1	4	6	-	3	1	-	3
TOTAL	31	6	16	21	2	11	15	1	9	6	1	8
TOTAL GERAL	53 (11%)			34 (7%)			25 (5%)			15 (3%)		

ANO	51 a 55 ANOS			56 a 60 ANOS			61 a 65 ANOS			65 a 70 ANOS		
	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.
2005	1	-	4	1	-	2	-	-	-	1	-	-
2006	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
2007	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
2008	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	5	0	6	1	0	4	0	0	0	1	0	0
TOTOAL GERAL	11 (2%)			5 (0,9%)			0			1 (0,01%)		

Fonte: Dados fornecidos pela FE de Manaus (unidade masculina).

Obs.: É importante ressaltar que a Fazenda Masculina de Manaus não costuma aceitar menores de 18 anos, só o fazendo em casos de excepcionalidade, por isso, o quantitativo na faixa de 10 a 15 anos é ínfimo.

Verificamos por meio dos dados apresentados na Tabela 4 que a maior concentração de adictos que ingressaram na FE no período referido (53%), tinha entre 16 a 25 anos, ficando a maior prevalência (31%) na faixa de 21 a 25 anos, e isso para os três casos: desistentes, desligados e concluintes. Cabe, no entanto, uma ressalva para a faixa de idade entre 10 a 15 anos, cuja incidência mínima (2%), deve-se ao fato da unidade masculina de Manaus não aceitar a internação de menores de 18 anos, sendo esses poucos que aparecem, casos de excepcionalidade. Na faixa de 26 a 30 anos a prevalência ainda é alta (16%), passando a decrescer a partir dos 31 anos.

Cabe ressaltar que a Tabela 4 diz respeito à faixa de idade da época em que esses adictos procuraram à FE em busca de tratamento, mas que já eram dependentes e, na grande maioria, há muito tempo. Provavelmente, o momento em que procuraram ajuda tenha sido o da descoberta do seu uso pelos pais, que geralmente só descobrem quando os efeitos do vício se tornam visíveis. Dificilmente um jovem vai admitir para a família que está usando drogas e mesmo quando questionado pelos pais, vai negar sempre, só admitindo, “(...) quando não há mais como negar: quando foi pego pela polícia (“rodou”), aí chamará os pais; quando surpreendidos ainda sob o efeito da droga, etc.” (Tiba, 2001, p.82).

Vejamos alguns trechos de cartas solicitando vaga à FE e que indicam a assertiva de que a procura de tratamento ocorre quando o vício se faz presente há algum tempo, em várias faixas de idade.

Eu... hoje com 57 anos de idade, escrevo esta carta pois vejo que necessito de AJUDA. Sou alcoólatra, bebo incontrolavelmente desde os 18 anos, respectivamente. (...) Quase perco

meu bem mais preciosos, a vida. (B. J. S., 2005).

(...) Tinha 17 anos comecei a beber bebidas alcoolicas e usar drogas hoje tenho 26 anos (...) tenho dois filhos lindos para criar (...) já perdi muito de um ano por cá e que comesei a fazer um balanço do que lucrei com essas mauditas drogas. (...) Perdi a minha mulher que mais amei na vida (...), carro, comercio, casa, tudo por causa das drogas já fiz minha mãe sofrer muito (J. S. L., 2007).

Meu nome é... e sou usuário de pasta à 9 anos. (...) minha vida se tornou um pesadelo cheia de tristeza, angústia. (...) eu não quero nada só quero ser um homem liberto e totalmente livre das drogas (...) (R. B. L., 2008).

Esses fragmentos serão melhor entendidos lendo-se a Tabela 8 que será apresentada posteriormente, mostrando que o ingresso no vício se deu muito tempo antes da procura pelo tratamento. Como diz Gikovate (2004):

O círculo vicioso da dependência e do vício se estabelece com o tempo, sem que a pessoa se aperceba. Porém, quando cogita sair dele, ela pensa, com razão, que será necessário passar por um dos maiores sofrimentos a que um ser humano pode ser submetido (Gikovate, 2004, p. 49).

A procura de ajuda pelo dependente é um passo muito importante, pois significa que ele parou de mentir para si mesmo, que reconhece que está no caminho errado e que precisa de ajuda para iniciar a difícil e penosa caminhada de volta (Gikovate, 2004). Na Tabela 5 apontamos as drogas mais usadas pelos adictos que passaram pela FE:

Tabela 5: Drogas mais Usadas Pelos Adictos que Passaram Pela FE no Período 2005-2008
(N=501)

ANO	MACONHA			PASTA			ÁLCOOL			CIGARRO		
	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.
2005	44	23	6	56	29	8	44	22	14	50	21	
2006	33	5	14	62	7	16	42	4	19	43	7	10
2007	24	5	18	43	8	26	23	3	29	30	5	19
2008	29	6	18	47	9	23	28	4	20	33	4	11
TOTAL	130	39	56	208	53	73	137	33	82	156	37	40
	225 (45%)			334 (67%)			252 (50%)			233 (47%)		
ANO	COLA			COCAÍNA			ECSTASY			SOLVENTE		
	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.	DESI.	DESL.	CONC.
2005	8	2	2	33	11	2	2	2		6	1	1
2006	6	2	2	29	6	10			2	3		1
2007			2	24	2	12	1			2		2

2008	1		1	23	4	19			1		1	
TOTAL	15	4	7	109	23	43	3	2	3	11	2	4
	26 (5%)			175 (35%)			8 (2%)			17 (3%)		
ANO	LOLÓ/L. PERF.			LSD			CRACK			CALMANTE		
	DE SIS.	DESL.	CONC.	DE SIS.	DESL.	CONC.	DE SIS.	DESL.	CONC.	DE SIS.	DESL.	CONC.
2005	6	3					2	3				
2006	1	1	2			1		1				
2007	3			1			3					1
2008								1				
TOTAL	10	4	2	1	0	1	5	5	0	0	0	1
	16 (3%)			2 (0,03%)			10 (2%)			1 (0,01%)		
ANO	MESCLADO			HAXIXE			PAPOULA			RUPINOL		
	DE SIS.	DESL.	CONC.	DE SIS.	DESL.	CONC.	DE SIS.	DESL.	CONC.	DE SIS.	DESL.	CONC.
2005							1	1			1	
2006												
2007			1									
2008						1						
TOTAL	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	1	0
	1 (0,01%)			1 (0,01%)			2 (0,03%)			1 (0,01%)		
ANO	CHÁ DE COGUMELO			HEROÍNA								
	DE SIS.	DESL.	CONC.	DE SIS.	DESL.	CONC.						
2005	1	1										
2006												
2007				1								
2008												
TOTAL	1	1	0	1	0	0						
	2 (0,03%)			1 (0,01%)								

Fonte: Prontuário dos internos FE (2005-2008).

OBS.: Os percentuais de cada droga estão relacionados aos 501 adictos que passaram pela FE no período 2005-2008, considerando que um mesmo adicto faz uso de várias drogas ao mesmo tempo.

Ressaltamos que na Tabela 5 os números são mais altos por se repetirem, ou seja, se um adicto faz uso de várias drogas, será contado em todas elas. Constatamos, na referida tabela, que a droga mais consumida pelos egressos da FE de Manaus do período 2005-2008, foi a pasta base de cocaína (67%), droga ilícita. Ocupando o 2º e 3º lugares, temos duas drogas lícitas, o álcool com 50% e o cigarro com 47%, ficando o 4º lugar com outra droga ilícita, a maconha (45%), seguida pela cocaína (35%) em 5º lugar, também ilícita.

As outras drogas citadas dão a impressão de que foram usadas esporadicamente, em festas, *haves*, como “novidade”, com exceção da cola e solvente, que pelos registros das fichas, foi o pontapé inicial para muitos, assim como o cigarro, o álcool e a maconha.

Ainda com relação ao álcool, detectamos que dos 82 concluintes da FE do período referido e que indicaram entre suas drogas de uso o álcool, 39% apontaram o mesmo como fonte principal de sua dependência, sendo 84% desses como fonte única e apenas 16% associam o uso de álcool a outras drogas como maconha, cocaína, pasta, etc., mas geralmente de forma eventual e sempre quando já se encontram alcoolizados.

Outra percepção diz respeito à faixa de idade dos alcoólicos que difere completamente da faixa de idade dos adictos consumidores das demais drogas cuja maior incidência ficou entre 16 a 25 anos. No caso dos alcoólicos, constatou-se que 50% tinham entre 46 a 60 anos, 34% de 31 a 45 anos e 16% entre 16 a 30 anos, cabendo a ressalva que essa faixa de idade se refere à procura por tratamento, não correspondendo, portanto, ao início do vício.

Outra curiosidade detectada refere-se ao *crack*, que de acordo com os dados, ainda era novidade e tinha poucos adeptos em Manaus, mas já mostrava seu poder de dependência, posto que nenhum dos dez usuários conseguiu concluir o tratamento, sendo que cinco desistiram e cinco foram desligados.

Com relação ao consumo de drogas, lembramos Kalina (2001) quando ressalta que os seres humanos vão entrando pelos diferentes caminhos da adicção em busca da liberdade, criatividade, prazer, identidade, embora jamais consigam a obtenção desses objetivos por meio das drogas e embora o final desse caminho seja irrefutavelmente conhecido: cadeia ou cemitério. Por outro lado, o mesmo Kalina alerta:

As adicções converteram-se em um instrumento sinistro ou uma via régia, como se preferir denominá-las, para conseguir reinstalar a escravidão entre os seres humanos, com a quase incrível condição de que, além disso, devem pagar para entrar nela, acrescentando assim um outro elemento assombroso para dominar, mediante táticas de entorpecimento para as massas (Kalina, 2001, p. 158).

Para corroborar com o autor no que se refere à escravidão que a droga submete o ser humano, citamos trechos das cartas escritas pelos adictos à FE, quando solicitaram vagas:

(...) tenho 19 anos e sou viciado em droga “mel”. (...) Tudo começou aos 16 anos (...) em uma escola (...) Conheci alguns colegas de classe e eles me mostraram o mundo com outros olhos (...) Eu era muito louco já pensou se a minha mãe descobri de uma coisa dessa ela iria pira o cabeça ou talvez diria o que todas mães dos viciados dizem, onde foi que eu errei (...) nunca admitia que estava viciado para mim só quem fazia isso eram os fracos. (...) Essa droga para mim é algo que eu já não consigo mais resistir, já faz parte do meu corpo da minha mente e da minha vida. Eu sempre achei que poderia parar de fumar quando eu quisesse mais eu estava errado já erra um escravo da droga não tenho mais controle sobre meu corpo (J. S. R., 2007).

Meu nome é... tenho 23 anos e já fazem 8 anos que sou usuário de drogas. Eu não aguento mais ficar me enganando e enganando minha família, todos sofrem com esse meu problema, não quero mais ver o dia raiar com um baseado de mesclado na boca, com paranóia na minha cabeça, pensando que tem gente atrás de mim (...) Por causa da maldita droga já roubei, me prostitui, fui expulso de escolas. (...) Por esses motivos, e principalmente pelo meu amor próprio venho (...) pedir ajuda (W. P. M., 2007).

Olá! (...) meu nome é... (...) com a ajuda de Deus em primeiro lugar e de vocês, tenho certeza que me libertarei da escravidão dos vícios nos quais estou preso, ao escrever esta carta estou preso também fisicamente em uma delegacia porque esses tais vícios que comandam minha vida me levaram a causar desordem e bagunças. (...) tenho apenas 18 anos, mas sinto-me um velho e fraco dominado pelos vícios aos quais me tornei dependente (P. R. M. B., 2008).

(...) Por causa do alcool eu perdi os meu melhor empego. Tornei acabando tudo que tinha ganhado (...). O meu poder contrasta com a minha, fraqueza. Basta um copo de bebida para me derrotar e me humilhar. (...) Meu deus, ajudai-me e socorrei que, a minha bondade perdoe os meus fracassos. (...) Eu ainda sonho de ser como eu era Antes, estou querendo lutar por isso (...) E sonhar em ser feliz (A. G. F., 2007).

Eu ... (...) tenho 20 anos, e sou dependente químico desde os 16 anos (...). Perdi totalmente minha liberdade, pois me tornei escravo das drogas, não sinto mais ambição pelas coisas boas e normais da vida e o principal, não conseguia ser uma pessoa feliz e normal como as outras (...). Não posso e não quero mais continuar nessa vida cruel que eu mesmo busquei e de final muito triste. Por favor olhem por mim, (...), só quero voltar a ter uma vida normal como outros jovens por aí, voltar a ser feliz outra vez e dar alegria e muito orgulho à meus pais e outras pessoas que estão depositando mais um ato de confiança em mim, e no futuro bem próximo poder ajudar a servir como exemplo, para as pessoas que estão na mesma situação (M. R. D., 2008)..

Ainda segundo Kalina (2001) é preocupante a disseminação pelo mundo do negócio de venda das drogas (legais e ilegais), que não levam em consideração as conseqüências funestas imediatas e mediatas de tal comércio, “(...) tanto para os indivíduos quanto para a condição humana, em sua totalidade” (Kalina, 2001, p.

159). Mas se considerarmos que esse comércio, em termos do volume de dinheiro que movimenta, ocupa o segundo lugar em importância nessa economia sinistra e ilegal, só perdendo para o armamentismo, entendemos tanto as razões da disseminação desse comércio, quanto à omissão quanto aos seus efeitos.

Os números mostram que as drogas lícitas funcionam como facilitadoras e indutoras às drogas ilícitas. Não podemos esquecer que essas drogas, ditas *lícitas*, *oficiais*, *legais* são também verdadeiras fontes de problemas no âmbito da saúde pública. O cigarro, comprovadamente, traz numerosos danos à saúde, principalmente na área da pneumologia, e o álcool e/ou bebida, na área da saúde mental. A bebida alcoólica, conforme já dito, está entrando na vida dos adolescentes cada vez mais cedo e geralmente com o consentimento dos pais que acham “engraçado” o filho exagerar na bebida e ficar “porre”, pois isso caracteriza a sua masculinidade e crescimento.

O trecho da carta de um adicto que mostraremos logo evidencia o quão longe essas “brincadeiras” com bebidas podem chegar:

Tenho 19 anos de vida, meu nome é ... (...) Desde muito cedo eu aprendi que porta da rua abria as possibilidades ilusórias da qual satisfaziam minhas fantasias, desejo e curiosidades. Bebo minha dose de batida aos 6 anos em troca de alguns trocados, liberto sempre cativava as pessoas falando palavras erradas e arregalando meus olhos e fazendo todos rir. (...) comecei a fumar maconha, piscar, andar de skate, curtir madrugadas e até roubar (M. S. G., 2008).

Nas tabelas 3, 4 e 5 trabalhamos, é melhor repetir, com o universo de todos (501) os que passaram pela FE nos anos de 2005 a 2008, e detectamos que a maioria deles tinha entre 21 a 25 anos e consumiam mais a pasta base de cocaína. Desses desistiram 290 e foram desligados 65, o que totaliza 355 (71%), permanecendo apenas 146 (29%) que concluíram o tratamento.

As próximas tabelas mostram um perfil mais apurado desses 146 egressos. Na tabela 6 apontamos os motivos alegados pelos egressos para o seu ingresso no mundo das drogas.

Tabela 6- Motivos Alegados pelos Egressos da FE para Ingressarem no Mundo das Drogas (2005-2008)

ANO	INFLUÊNCIA DE TERCEIROS	CURIOSIDADE	MOTIVOS PARTICULARES	NÃO INFORMADO	TOTAL
2005	-	1	1	22	24
2006	17	3	2	6	28
2007	29	5	7	2	43
2008	27	6	4	14	51
TOTAL	73 (50%)	15 (10%)	14 (10%)	44 (30%)	146 (100%)

Fonte: Prontuário dos Internos FE (2005-2008).

A Tabela 6 mostra que 50% informaram que a motivação para o ingresso no mundo das drogas foi por influência de terceiros e apenas 10% por motivos particulares e 10% por curiosidade, enfatizando que essa curiosidade, em muitas vezes, também se refere a ver os colegas usando e ficar curioso, como se ouve em muitos relatos.

Os dados confirmam que a influência é uma das maiores portas de acesso ao mundo das drogas. Para Freitas (2002), essa influência é significativa, pois justo nessa fase de vulnerabilidade, confrontos e formação de novos grupos, nenhum jovem quer ser diferente do seu novo grupo, ao contrário, ele quer ser aceito e fará qualquer coisa para isso, e se o grupo for adepto ao uso de drogas, certamente ele fará uso para não ser excluído. O contraditório é que na tentativa de se tornar independente da família, se torna dependente do grupo sem sequer perceber. É justamente nesta fase difícil de transição que fazer uso de coisas proibidas pode significar sinal de autonomia e independência.

Para os jovens, nesta fase, tornarem-se independentes dos pais e ser diferente deles significa autonomia com relação a eles, assim como ser entrosado com os colegas é fundamental, pois querem respeito e opinião favorável do grupo, portanto,

Agir em concordância com a opinião da turma é tão importante quanto agir em oposição aos pontos de vista da família. Se a turma valoriza o cigarro e a bebida alcoólica, todos os seus membros devem apreciá-los. Se a droga eleita for a maconha, esta será a opção de todos os jovens da turma. Sim, porque nenhum deles vai querer ser diferente dos colegas (Gikovate, 2004, p. 34).

Para corroborar com o que dizem os autores, destacamos alguns trechos de cartas desses adictos, ao solicitar seu ingresso na FE:

O meu início foi através de amigos que são usuários de drogas que me influenciaram primeiro com a maconha e depois com o haxixe e atualmente uso cocaína. (...) A droga já mexeu no meu caráter, que chegou no ponto de roubar das pessoas que amo para ter dinheiro para ir pra noitada (A. I. M. M., 2006).

(...) Completamente envolvido pelo metal (rock) passei a (embora não percebendo) a me relacionar cada vez mais com más companhias (...) Foi nessa época que comecei a me relacionar com drogas. (...) A tentativa de ser aceito, atrelado aos impulsos típicos dos adolescente fizeram com que eu enveredasse por esse caminho tortuoso. (...) (M. A. J. S., 2007).

Eu entrei no mundo das drogas através de um amigo meu (...) a minha mãe gostava muito dele, mais quando ela descobriu (...) ela mandou eu me afastar dele. Mais era tarde de mais eu já estava usando drogas também. Olha só como é a mau companhia destroi a vida da gente. Eu comecei a usar drogas com 13 anos eu já tenho 19 anos e ainda estou nessa vida maldita sofrendo porque ninguém gosta de mim, quando eu chego perto de alguém essas pessoas se afastam de mim, eu fico muito triste e vou logo usar drogas, as únicas pessoas que ficam do meu lado é a minha família principalmente a minha mãe (N. S. B., 2007).

Bom, sou o ... tenho 21 anos (...) Aos 13 anos tive meu primeiro contato com as drogas (maconha) era passado o meu aniversário, minha vizinha desse que me daria um presente logo de cara pensei que era ela mesma, que eu teria na cama. Era deslumbrado por ela. Engano meu, mal sabia que estava a poucos minutos do meu primeiro contato com essa maldição que posteriormente faria parte da minha vida. (...) e o consumo sempre aumentando (...) conheci então drogas cada vez mais pesadas, primeiro a cocaína depois o mel (F. C. C. B. F., 2007).

Tabela 7- Grau de Escolaridade dos Egressos da FE 2005-2008

ANO	ANALF.	ENSINO BÁSICO		ENSINO MÉDIO		ENSINO SUPERIOR		NÃO INFORMADO	TOTAL
		COMP.	INCOMP.	COMP.	INCOMP.	COMP.	INCOMP.		
2005	1		12	2	5		2	2	24
2006			11	3	10		4	-	28
2007	1	2	17	9	5		5	4	43
2008		3	13	8	7		6	14	51
TOTAL	2 (1%)	5 (4%)	53 (36%)	22 (15%)	27 (18%)	0	17 (12%)	20 (14%)	146 (100%)

Fonte: Prontuário dos internos FE (2005-2008).

Na Tabela 7 temos o grau de escolaridade dos egressos, em que se evidencia as próprias afirmativas com relação aos efeitos danosos das drogas de perderem o interesse pelos estudos. Conforme dados da tabela, apenas 4% completaram o Ensino Básico e 15% o Ensino Médio, contra 35% que não completaram o básico, 18% que não completaram o médio e 12% que não completaram o ensino superior. Novamente apresentamos fragmentos de suas cartas que ilustram os dados da Tabela 5:

Desde os 12 anos que vivo envolvido com drogas, não tenho emprego, larguei meus estudos aos 18 anos, cursando o 1º ano do Ensino Médio, porque optei pela Droga (...) porque acha que nela vou encontrar solução para meus problemas (F. A. S. S., 2007).

(...) as minhas dificuldades que são: (...) De ser preguiçoso, de bebe de fuma cigarro. O meu maior problema é que eu não aprende a ler e nem escrever tenho dificuldade para aprender (F. S. B., 2005).

(...) A minha vida começou a mudar através da bebida, todo final de semana eu estava em mesa de bar é perdi o controle sobre ela cheguei ao ponto de larga a faculdade e o emprego, voltei para Manaus e continuei na bebida e comecei a usar drogas, chamado a pasta básica. Cheguei a ponto (...) vendia a própria roupa (...) cheguei no limite, ao fundo do poço (A. O. S., 2007).

(...) pois sozinho eu não consigo me livrar das drogas e é melhor perder um ano e ter a chance de criar meus filhos do que perdê-los para vida toda, pois nossa convivência já está ficando insuportável. Estou abandonando um sonho (...) que é minha faculdade de Pedagogia (...) para tentar realizar um sonho maior que é ser feliz com minha família e salvar meu casamento (J. B. E.).

Gostaria muito de estudar mais não consigo, em vez de ir para o colegio, vou para as drogas, não consigo me controlar. A droga está fazendo com que eu me comporte de uma maneira desequilibrada, de modo a prejudicar a minha moral, a minha família, amigos e conhecidos. Desde os 15 anos que eu uso. Estou aflito, quero dar um basta nesta vida de miséria que estou vivendo. Quero acordar, e está bem comigo mesmo, sem dor na consciência, sentir o lado bom da vida. (W. A. C. L., 2007).

Outro dado investigado foi a faixa de idade do início de uso de drogas dos referidos egressos:

Tabela 8- Faixa-etária do Início de Uso das Drogas dos Egressos da FE do Período 2005-2008

ANO	6 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	NÃO INFORMADO	TOTAL
2005		12	7	1		1	3	24
2006		12	11	3	1	1	-	28
2007		22	14	2	1	2	2	43
2008	3	15	15	4			14	51
TOTAL	3 (2%)	61 (43%)	47 (32%)	10 (7%)	2 (1%)	4 (3%)	19 (13%)	146 (100%)

Fonte: Prontuário dos egressos da FE de Manaus (2005-2008).

A Tabela 8 nos mostra que a faixa de idade mais vulnerável é mesmo dos 11 aos 15 anos, seguido dos 16 aos 20 anos e decrescendo a partir dos 21 anos. Os dados encontram respaldo em autores como Kalina (1999), quando afirma que a adolescência é a etapa mais suscetível ao desenvolvimento de uma drogadição,

por ser esta a etapa da separação do grupo familiar, do embate como novos grupos e do enfrentamento do mundo externo, somando-se a isso a fragilidade do ego do adicto, que como explica o autor referido, carece da capacidade de tolerar as frustrações, a ansiedade, a agressividade e a espera.

Dessa forma, se ele não tiver um eu forte e uma base familiar sólida para este enfrentamento ele correrá o risco de recorrer a uma força extra para cumprir com esse desafio, e essa força extra pode ser a droga, que na sociedade atual possui fatores indutores ao longo das 24 horas de cada dia, que se cair em solo fértil, frutificarão certamente e com enorme facilidade, como completa o próprio Kalina:

Em síntese, se nos colocamos diante das realidades que deve enfrentar o adolescente desta época, e se somarmos à já estressante tarefa de assimilar as mudanças próprias de seu crescimento, tanto corporais quanto psicossociais, torna-se ainda mais claro compreender porque os consideramos uma população de alto risco (KALINA, 1999, p. 193).

Essa vulnerabilidade, segundo Freitas (2002), pode levá-los não apenas a se tornar um consumidor contumaz de drogas, mas também a participar ativamente do comércio ilegal desses produtos. Afinal, ele é presa fácil desse tipo de apelo, pois ele quer ter sucesso e se mostrar como importante e crescido. Kalina (2001) acrescenta:

Pensemos no ego do adolescente, que está conjunturalmente submetido a todo tipo de pressões internas e externas, que vive um presentismo lógico para sua idade, no que lhe ocorre quando o contexto sociofamiliar o acossa e pressiona à insuportabilidade. Sua predisposição a recorrer a essas drogas “neuropsicobiotóxicas e sociais”, que lhe oferecem uma saída imediata, embora ilusória, torna-o um candidato ideal e, assim, o sabem os mercadores que, então, dirigem seu aparelho de propaganda para esse grupo com um objetivo seletivo (Kalina, 2001, p. 27).

Os trechos das cartas mostram situações de vulnerabilidade:

A minha vida nas drogas começou a se encaminhar quando meu pai acabou seu segundo casamento, quando isso aconteceu eu tinha 15 anos, não tinha nenhuma instrução para não cair no erro que caí, meu pai não conversava comigo nem sobre sexo, sendo assim eu era um adolescente sem personalidade que estava vulnerável as armadilhas dessa “selva”. (L. H. C. O., 2006).

(...) Foi na escola na 3ª série que eu comecei a experimentar os primeiros cigarros (...) foi mais pra provar que eu era o “cara” para meus amigos do que mesmo pela curiosidade (...). Sinceramente eu não tinha noção do que era usar droga, porque pra todos sempre no começo é uma “boa” (...), até os 15 anos quando eu experimentei a 1ª vez a pasta base de

cocaína nisso eu já havia inalado várias outras substâncias (...) como também já ingeria bebidas alcoólicas e inclusive também cheirava cocaína. Já fiz de quase tudo pra usar menos matar ou assaltar, só que meus atos são sujos, minha intenção é malefica e meus pensamentos são maquiavélicos, meu caráter foi tão modificado por causa das drogas que da minha boca não sai verdade e quando sai é com 2ª intenções. (...) As drogas tiraram minha paz, não sorriu, fizeram chorar quem eu mais amo, eu já roubei meu pai, minha mãe e meu irmão (...) tudo isso por causa de droga, esse cupim que corrói os pilares da sociedade (A. G. F., 2008).

Me chamo ... Tudo comesou quando conheci algumas pessoas erradas que já faziam coisas erradas como usar drogas e bebidas, por esta com eles tive de usar também (...). Admito foi muito fraco por deixar-me envolver com esse tipo de pessoa, quando bebia e fumava droga ficava alterado quando acabava queria mais quando não tinha dinheiro fazia assalto, furtos. Também já fui envolvido com galeras (...). (M. A. C., 2007).

(...) Já que não entendo minhas reações de medo, quase de pânico, ao enfrentar situações (...). Fugir, é o que logo penso, e as vezes a bebida é a forma que encontro. Preciso entender (...) para voltar a ter uma vida normal (W. L. L. A., 2007).

Alba Zaluar oferece bons elementos de reflexão:

(...). A curiosidade, a valorização do proibido e do risco, característicos da adolescência, assim como o desejo de se afirmar como alguém capaz de enfrentar a morte, faz do uso de drogas proibidas uma atração constante para os jovens, só superada pela informação, pelo diálogo e pela preocupação demonstrada pelos adultos (Zaluar, 2002).

Na Tabela 9 evidenciaremos a relação uso de drogas com os problemas com a justiça:

Tabela 9- Problemas com a Polícia e/ou Justiça dos Egressos da FE de Manaus (2005-2008)

ANO	RELACIONAMENTO COM A POLÍCIA/JUSTIÇA			NÃO INFORMADO	TOTAL
	SIM	SIM E RESP. PROCESSO	NÃO		
2005	2	5	16	1	24
2006	7	5	16	-	28
2007	11	1	28	3	43
2008	14	3	19	15	51
TOTAL	34 (23%)	14 (10%)	79 (54%)	19 (13%)	146 (100%)

Fonte: Prontuário dos egressos da FE de Manaus (2005-2008).

Dos internos que informaram sobre relacionamentos com a justiça, 33% tiveram problemas com a justiça e desses 10% responderam a processos pelos

mais diversos motivos: assalto a mão armada, assassinato, tráfico, etc. Novamente destacamos trechos das cartas que evidenciam essa situação:

Me chamo ... tenho 21 anos (...) encontro-me em uma situação difícil, estou no fundo do poço, já fui preso três vezes, e na última vez que me prenderam, a polícia me humilhou bastante e em quanto estava na cadeia, refletir sobre (...) que queria encontrar um caminho diferente, e mudar de vida (F. A. S. S., 2007).

(...) sou usuário de maconha desde os 13 anos e de pasta desde os 14 anos. Comecei a usar drogas por influência de alguns colegas (...) passei a roubar as coisas de casa (...) o tempo passou e eu comecei a roubar na rua, nas lojas, (...) eu estou preso a polícia me prendeu após comprar uma certa quantia de drogas (S. L. S., 2006).

Alguns dias atrás cheguei até a ser preso, por que precisei roubar para me drogar passei muita humilhação, e eu não quero essa vida paa mim, quero voltar a ser o “C...” de antes, aquele que as pessoas me veem com personalidade, caráter, dignidade, humildade e principalmente honestidade (C. W. A. C., 2006).

Comecei usar droga com 12 anos (...) aos 14 comecei a roubar (...) fui preso várias vezes e as vezes passava fome (...) eu só queria ter uma vida normal (...) já não aguento ser humilhado por policiais e por vizinhos minha família (J. A. H., 2007).

Meu nome é.. (...) comecei a usar droga con meus dizeceis anos (...) fui perdendo o controle eu saia porai armado assautava outros (...) eu roubava muito e eu ia preso (...) só queria saber de fumar (A. F. S. F., 2007).

Tabela 10- Faixa-Etária dos Adictos que Entraram na FE no Período 2005 - 2008 e Completaram o Ano

ANO	10 a 15 ANOS	16 a 20 ANOS	21 a 25 ANOS	26 a 30 ANOS	31 a 35 ANOS	36 a 40 ANOS	41 a 45 ANOS	46 a 50 ANOS	51 a 55 ANOS	56 a 60 ANOS	TOTAL
2005	2	3	6	1	1	2	2	1	4	2	24
2006	-	4	6	5	6	2	3	1	1	-	28
2007	1	8	12	7	6	3	1	3	1	1	43
2008	-	9	18	11	3	4	3	3	-	-	51
TOTAL	3 (2%)	24 (16%)	42 (29%)	24 (16%)	16 (11%)	11 (8%)	9 (6%)	8 (5%)	6 (4%)	3 (2%)	146

Fonte: Prontuário dos Internos FE (2005-2008)

Outros dados levantados e que compõem o perfil sócio-demográfico dos egressos da unidade masculina da FE revelam: 83% informaram ter ocupação; 64% eram solteiros, 8% casados, 9% amasiados e 19% separados; e 48% tinham filhos.

A partir do estudo da documentação do período de 2005-2008, pode se resumir que: passaram pela FE 501 adictos, com idade variável de 14 a 70 anos, sendo a maior incidência na faixa dos 21 a 25 anos (31%) e dos 16 a 20 anos (22%), totalizando 53%.

A preferência do uso das drogas lícitas desses adictos encontrou maior prevalência no álcool com 252 adeptos, ou seja, 50% de adictos faziam uso de álcool e 233 (47%) de cigarro. No que se refere às drogas ilícitas, a maior prevalência ficou com a pasta base, que teve 334 usuários apontados, representando 67% do universo trabalhado, seguido da maconha com 225 adeptos (45%) e da cocaína com 175 adeptos (35%).

Tabela 11- Drogas mais usadas pelos Egressos da FE no Período: 2005-2008

ANO	MACONHA	PASTA	ÁLCOOL	CIGARRO	COLA	COCAÍNA	ECSTASY	SOLVENTE
2005	6	8	14		2	2		1
2006	14	16	19	10	2	10	2	1
2007	18	26	29	19	2	12		2
2008	18	23	20	11	1	19	1	
TOTAL	56 (38%)	73 (50%)	82 (56%)	40 (27%)	7 (5%)	43 (29%)	3 (2%)	4 (3%)

ANO	LOLÓ/ LANÇA PERFUME	LSD	CALMANTE/ COMPRIMIDOS	MESCLADO	HAXIXE
2005					
2006	2	1			
2007			1	1	
2008					1
TOTAL	2 (1%)	1 (0,07%)	1 (0,07%)	1 (0,07%)	1 (0,07%)

Fonte: Prontuário dos Internos FE (2005-2008).

O que se percebeu nas anotações pesquisadas e se consolidou através da vivência na própria FE é que algumas drogas são sempre apontadas como porta de entrada para o mundo das drogas: a bebida (álcool); o cigarro; a maconha; a cola; e o solvente. As duas primeiras, consideradas legais, são facilmente encontradas em todos os lugares, inclusive nas próprias residências, festas familiares, etc. e as demais, mesmo sendo ilegais, conseguem ser de fácil acesso. Outras drogas como: ecstasy, loló, LSD, crack, etc. foram citadas pelos adictos, mas era perceptível que seu uso, para esses usuários, ainda eram em caráter de eventualidade.

Em se tratando dos 146 (29%) adictos que concluíram o programa de recuperação na FE de Manaus, traçamos o perfil abaixo, de acordo com os dados coletados em suas fichas, prontuários e cartas:

1. *Faixa-etária quando procuraram à FE*: 64% tinham entre 14 a 30 anos; 30% entre 31 a 50 anos; e 5% entre 51 a 60 anos; ficando a maior prevalência (29%) na faixa de 21 a 25 anos (TABELA 10).
2. *Drogas mais consumidas*: A maior indicação de uso (56%) ficou com uma droga lícita, o álcool, sendo seguido pela pasta base (50%), maconha (38%) e a cocaína (29%), todas ilícitas, ficando o 5º lugar com o cigarro (droga lícita) com 27% de prevalência (TABELA 11).
3. *Motivação para o ingresso no mundo das drogas*: 50% apontaram a influência de terceiros; 10% curiosidade; 10% motivos particulares; e 30% não informaram (TABELA 6).
4. *Grau de escolaridade*: 1% era analfabeto; 4% completaram o ensino básico e 36% não concluíram; 27% concluíram o ensino médio e 18% não concluíram; dos 27% que concluíram o ensino médio, 12% ingressaram no ensino superior, mas não concluíram; e 14% não informaram (TABELA 7).
5. *Faixa-etária em que ingressaram no mundo das drogas*: 2% na faixa entre 6 a 10 anos, 42% na faixa entre 11 a 15 anos, seguidos de 32% na faixa entre 16 a 20 anos, ou seja, 76% iniciaram o uso de drogas entre 06 a 20 anos de idade, ficando os outros 24% assim distribuídos: 7% entre 21 a 25 anos; 1% entre 26 a 30 anos; 3% entre 31 a 35 anos e 13% não informaram (TABELA 8).
6. *Problemas com a justiça*: 33% declaram ter tido problemas coma justiça e desses, 10% responderam processo (TABELA 9).
7. *Ocupação*: 83% dos adictos informaram ter ocupação.
8. *Estado Civil*: 64% se declaram solteiros; 7% casados; 9% amasiados; 19 separados; e 1% viúvo.
9. *Filhos*: 48% informaram ter filhos.

5.2. Permanência/Saída da Fazenda da Esperança

O principal objetivo das entrevistas, realizadas, com o egresso e sua família foi conhecer o cotidiano e a rotina dele, na FE de Manaus, durante sua permanência nela e no pós-tratamento, buscando compreender os motivos que levam alguns deles à(s) recaída(s) e identificar a relação entre o perfil do egresso e de sua família. Para isso, inicialmente apresentaremos as questões formuladas nas referidas entrevistas com o egresso e as respostas obtidas. Depois, no item seguinte, exporemos as dos familiares entrevistados.

Passemos logo ao material coletado e à discussão de seus resultados com os egressos:

Como souberam do trabalho desenvolvido pela FE

As respostas obtidas dos egressos entrevistados foram as mais diversas:

Tinha um rapaz que tinha passado por aqui, e ele tinha tido ajuda de minha mãe, eu não aguentava mais estava no fundo do poço, queria ser um homem novo de novo, uma pessoa nova, voltar para a sociedade bem e eu procurei a Irmã e ela me indicou a Fazenda da Esperança (Egresso 1).

Foi através do livro Tabebuia que existe da Fazenda da Esperança, (...), e o papai viu esse livro se interessou e trouxe deu uma lida nos 15 dias que ele ficou lá e ele trouxe esse livro e quando ele chegou aqui ele falou: lê esse livro. (...) (Egresso 2).

Através de um rapaz que estava se formando, um seminarista, o meu pai foi até ele, comentou com ele sobre a minha pessoa, sobre as dificuldades que eu estava passando com ele em casa, e ele nos informou sobre a Fazenda da Esperança, (...). (Egresso 3).

(...) foi através do meu tio que é amigo do Sr. X, e através da recuperação do fulano né, e, foi indicado que seria bom esse tratamento pra mim também, devido ao estágio que eu tava, bem avançado do consumo de drogas e tudo, (...) então, com essa ajuda do meu tio, da dona Y, e do seu Z, foi que eu consegui chegar na Fazenda (Egresso 4).

Através do meu tio que era do movimento Folcolare e conhecia o Dom Mário (Egresso 5).

A percepção que tivemos nas várias formas citadas mostram que as famílias já tinham a consciência da dependência de seu ente familiar e foram em busca de alternativas para o seu tratamento, umas a pedido do próprio egresso e outras por conta própria, na tentativa de ajudá-los, conscientes da existência do problema e

da necessidade de contar com ajuda profissional para libertar seus familiares das drogas.

Como visto no item anterior, o adicto e/ou sua família buscam tratamento, não quando o seu parente iniciou a usar drogas, até porque dificilmente eles procuram a família para confessar que estão usando drogas, mas ao contrário, negam sempre, como afirmam os autores Tiba (2007) e Kalina(2001), só admitindo receber ajuda quando confrontados com a realidade e de forma inequívoca. Portanto, essa procura ocorre por parte do adicto, quando “está no fundo do poço” (Egressos 1 e 4), e por parte dos pais quando descobrem e começam a ter que administrar os efeitos maléficos do problema (Egressos 2, 3, 4 e 5).

Dificuldades e facilidades para se adaptar à FE

Todos citaram a *convivência* como a maior dificuldade de adaptação e pelo mesmo motivo: conviver com o diferente, ou seja, viver na mesma casa com catorze pessoas diferentes entre si, com hábitos e costumes divergentes, com culturas e experiências de vida opostas, faixas de idade diversas, tendo como ponto em comum apenas o vício. Vejamos:

A minha dificuldade foi a abstinência e a convivência. Foi o mais difícil né, porque eu vim pra cá e não conhecia as pessoas, não sabia do comportamento delas. Eles vinham de uma criação diferente da minha, mas a minha recuperação era mais importante e eu continuei minha caminhada e eu fui até o final (Egresso 1).

Tive muitas dificuldades né, acho que todas as pessoas pra se adaptar à Fazenda da Esperança, é porque é uma renúncia, tu entra na Fazenda da Esperança tu tem que renunciar ao mundo, tu tem que renunciar até tua família, tua própria adicção, é difícil a Fazenda da Esperança (...).

Meu relacionamento com as pessoas assim, eu tive um rapaz assim... era o fulano, o convívio com outro ser humano é o mais difícil, a convivência na verdade, foi assim onde assim, eu tive muita dificuldade, porque é difícil né (...) (Egresso 2).

(...) pra mim a maior dificuldade que eu tive acho que foi a convivência, pois a parte espiritual e o trabalho deu pra tirar de letra, mas a convivência com pessoas que você não conhece, com temperamentos diferentes, é difícil, (...) (Egresso 3).

O Egresso 4 indicou “(...) então a maior dificuldade mesmo foi no princípio, questão da dependência mesmo, a necessidade do vício, mas que fui superando com, com a forma de

tratamento lá, a questão da espiritualidade eu acho que isso me ajudou bastante a controlar essa questão da dependência (...)” (Egresso 4).

Quanto à convivência, especificamente, descreveu suas dificuldades:

É essa questão foi realmente mais complicada uma, porque eu sempre fui só, eu tenho o meu quarto, minha casa, minhas coisas, então a partir daí eu passei a conviver com as pessoas, então elas às vezes passavam o meu espaço, alugavam o meu espaço, essas coisas, fazendo coisas assim que eu não era acostumado dentro da minha casa né, então, realmente essa parte assim de dividir o quarto com outras pessoas foi muito difícil porque eu sempre tive o meu quarto, eu buscava muito me isolar dentro do meu quarto né na droga e tudo, então eu tinha aquele espaço meu, e já lá não, eu tinha que dividir com as outras pessoas, com os costumes deles né, cada um tem um jeito diferente, até a forma de higienização de cada um é totalmente diferente (Egresso 4).

A convivência né, com os nossos colegas (Egresso 5).

Ressaltamos que a *convivência* é um dos pilares do programa de recuperação da FE e tem como significado proporcionar a experiência de viver em família praticando o amor, ou seja, aceitando e amando o outro como ele é. Além disso, proporciona também, como diz Zanom (2008), o constante *sair de si* para *encontrar o outro* em movimentos que permitem a transformação dos interesses individuais, isto é “eu”, para os interesses coletivos “nós”, oportunizando nos adictos a aquisição dos valores perdidos e a recuperação de sua auto-estima.

Além da convivência, três citaram a abstinência (Egressos 1, 2 e 4) como segunda dificuldade, o que também é compreensivo, posto que dentre os cinco entrevistados, o que tinha o menor tempo de dependência, tinha oito anos e os demais entre 9 a 23 anos de uso. Naturalmente, quem usa drogas por todo esse período e pára subitamente e completamente de fazer uso, terá naturalmente dificuldades com a abstinência, mesmo no caso deles, que são todos usuários de cocaína nas suas diversas formas, e cuja dependência, segundo Lanaro (2001), não é física, mas psíquica. Ocorre que pelo tempo de uso essas substâncias podem provocar reações físicas após a supressão da cocaína, como depressão e letargia, que indicam uma certa dependência física (LANARO, 2001).

Atividades da FE mais importantes

O mesmo Egresso 1, que coloca a *convivência* como sua maior dificuldade de adaptação, também a coloca como a ação mais importante, o que fica

subtendido que o que foi considerado problema/dificuldade no início, após superação passou a se constituir em ponto positivo e de crescimento, inclusive, vejamos:

Espiritualidade, trabalho e a convivência (Egresso 1).

A convivência (Egresso 1)

Os Egressos 2, 3, 4 e 5 citaram o *trabalho*, mas dois deles (4 e 5) acrescentaram ao trabalho também a *espiritualidade*. Cabe ressaltar que as duas atividades também fazem parte dos pilares em que se sustenta a filosofia do programa de recuperação da FE.

Egresso 2: “Atividades assim, a Fazenda da Esperança é uma terapia na verdade né, mas assim, a ocupação do dia-a-dia, do seu trabalho, (...), a ocupação o dia todo é fundamental, tu não pensa muita coisa, muita besteira, tu não tem tempo pra pensar muita coisa, quando tu não ta no trabalho, tu ta rezando, quando tu não ta rezando no máximo, quando tu para, tu ta totalmente cansado, teu corpo não agüenta, todo dia assim tu ta trabalhando, trabalhando, trabalhando e o segredo é esse né tu tem que ficar fazendo alguma coisa pra não ficar pensando muita besteira na verdade”.

Egresso 3: “A primeira atividade que mais me tocou foi quando eu tava na casa de triagem que antigamente chamavam de casarão e lá a gente tomava conta do jardim, da parte de jardinagem e a outra casa a outra fase que marcou muito foi a Casa São Mateus que já foi pra mexer na parte da plantação de urucu, de laranja, fábrica do colorau, essas duas fases que marcou bastante”.

Egresso 4: “(...) então eu procurei trabalhar bastante né, que é a questão do trabalho, então você passa o dia trabalhando, procura sempre tá fazendo as coisas, se não for no trabalho, dentro da casa, faz alguma coisa, e... procurar também... (...)

Egresso 4: “ O trabalho foi uma das mais importantes, mas a questão da espiritualidade também foi bem mais forte, (...) e essa parte da espiritualidade também me ajudou bastante né, eu procurava acordar cedo, fazer as minhas orações, independente do terço das outras coisas, eu tinha o meu momento mesmo, eu mesmo de espiritualidade minha, então isso também me ajudou bastante, (...)”.

Egresso 5: “Acho que a espiritualidade né, a espiritualidade... e os trabalhos também, e apesar de todas as dificuldades de convivência a gente vai criando amizade com as outras pessoas”.

Egresso 5: “ A espiritualidade ajudou, bastante”.

Egresso 5: “O trabalho acho que é necessário, a espiritualidade é o ponto principal, mas se você vai só pra missa, só falar sobre Jesus, um dia, eu acho que...”.

Egresso 5: “Não tem o que fazer, então o trabalho é muito importante, ocupa a mente, é só pra você também expelir toda àquela droga que tá toda acumulada”.

No que se refere ao *trabalho*, este é parte essencial do tratamento, funcionando como laborterapia impedindo, segundo Landre (2001), a ociosidade e o que pode advir dela. Para a FE o trabalho proporciona ao adicto ser protagonista de sua própria recuperação, considerando que através do seu labor ele estará colaborando com a sua manutenção, com o seu sustento. Além disso, logo nos primeiros trinta dias, proporciona também a desintoxicação natural pela sudorese, favorecendo também o relacionamento com os colegas, o trabalho em equipe, a descoberta de novas habilidades e outras vantagens mais.

A *espiritualidade* é um ponto muito forte no programa de recuperação da FE e se percebe isso em todas as entrevistas, pois é notório que para a maioria, esse encontro/reencontro com Deus, proporcionado pela leitura diária e colocação em prática do Evangelho, faz brotar novos valores e sentimentos até então adormecidos e que são essenciais ao seu fortalecimento pessoal, e necessário na superação às dificuldades inerentes a sua caminhada nos doze meses de duração do programa e, principalmente, por ocasião do seu retorno para casa. As experiências vivenciadas vão proporcionando um novo estilo de vida pautado pela ética, pela moral, pelo amor ao próximo, pela partilha, pela superação, pelo perdão, dentre outros.

Motivações para permanecer na FE por doze meses

O Egresso 3 elegeu apenas a sua força de vontade como único motivador para sua permanência na FE:

A minha força de vontade de parar de usar drogas e ao mesmo tempo pagar uma pena por uma coisa que eu tinha feito por causa da droga, eu associei o útil ao agradável, uma porque eu não podia ficar na cidade, porque se não eu ia voltar a usar droga, ia voltar a correr o risco de ser preso de novo, então eu optei parar de usar droga e pagar a minha pena que eu tava cumprindo em liberdade lá dentro da Fazenda que seria um local pra mim mais seguro e um meio mais fácil de eu conseguir largar o vício (Egresso 3)

Os demais egressos, implícita ou explicitamente elegeram o amor que emana da forte espiritualidade encontrada na FE e que sentiram em sua chegada e permanência na Obra, registrados em suas entrevistas, como:

Egresso 1: “A Fazenda me deu a minha vida de volta, se não fosse a Fazenda, hoje eu tava na cadeia ou tava no cemitério. A Fazenda me deu a minha vida de volta, só tenho a agradecer a Fazenda hoje por tudo que ela fez por mim e eu amo ela”.

Egresso 2: “a base, pra mim, foi assim o fundamental, as pessoas que me amaram, que estão lá, (...) esse amor assim recíproco, que eles estão lá sem ganhar nada, sem remuneração, só pelo amor de Deus, tão doando suas vidas, (...) ter isso na minha vida, foi fundamental, ter pessoas que me amassem até o fim da minha caminhada, (...), então esse amor, do próximo, de amar, foi isso que fez com que eu completasse a minha caminhada,...”.

Egresso 4: “O que mais contribuiu pra mim ficar lá, foi justamente essa questão de querer mudar... nessa questão de ser uma pessoa mais espiritualizada, (...) então eu via nesse mundo que eles viviam assim de espiritualidade, de comunidade católica, uma forma de viver bem diferente né, (...) eu queria isso pra mim, (...).”

Egresso 5: “O que contribuiu muito foram alguns laços de amizade, tanto por amigo de caminhada como laço de amizade com os responsáveis, né, que ajudou bastante”.

Apoio da família durante a internação

Todos confirmam o apoio irrestrito da família, com exceção do Egresso 3, que faz uma ressalva apenas com relação à ausência da esposa, mas confirma o apoio dos pais, e as demais entrevistas relatam esta ajuda com detalhes minuciosos, o que retrata a importância dela para eles:

Egresso 1: “Sim, com certeza, total, apoio total”.

Egresso 2: “Pô o apoio da minha família, foi assim uma peça chave porque a minha família nunca deixou de me apoiar, de me mandar uma carta, (...)com vinte dias na Fazenda, minha mãe teve um problema de saúde, foi um AVC, eu não sabia o que tava acontecendo exatamente,...) e decidi ir pro sacrário, (...)eu me ajoelhei assim aos pés do senhor. Senhor, sei que minha fé é pouca né, eu não tinha te conhecido antes e tal, mas eu quero te entregar aqui a minha mãe, eu não sei o que ta acontecendo com ela, eu só quero ver ela bem, a gente fica numa carência de família, e só era 20 dias que eu tava lá, mas parece que a minha fé foi... sei lá ultrapassou uma barreira que a gente mesmo não conhece muitas vezes e eu pedi de Deus que eu só queria ver minha mãe bem né, saber o que ela tava passando, e entreguei mesmo, Senhor eu não vou desistir, eu só quero a minha recuperação porque eu sei que a minha mãe vai ficar bem. Me dá minha cura e cura minha mãe, e, essa mesma situação que eu fiz aqui, minha mãe, fez lá no hospital, foi assim um negócio... uma troca, sem saber, quando a gente foi conversar assim na minha primeira visita, depois de três mês, ela veio me falar que ela fez essa mesma experiência, eu só quero ver meu filho bem, me dá minha recuperação e tudo, te entrego nas tuas mãos, foi tudo isso que eu fiz, me entreguei,

(...)graças a Deus, a minha família sempre me apoiou muito né, eu nunca deixei de receber uma visita. Quando minha mãe foi pra São Paulo se operar, ela, deixou muitas cartas escritas, só pra botar as datas, porque faltou algumas coisas, umas providências que eu tinha pedido, ela deixou escrito que o carro tinha quebrado, que não tinha dado pra consertar o carro, que não tinha dado pra comprar as coisas, que tava passando por situações, mas foi tudo um plano de Deus na verdade, né, como é que ela ia pensar, deu tudo certo, sabia que tinha uma datas assim borradas, mas eu acreditei naquilo ali, (...)”

Egresso 3: “(...)mas eles nunca deixaram de mandar carta. Pelo lado do meu pai, da minha mãe, sempre foi assim posso dizer quase 100%, mas da esposa às vezes deixou um pouco a desejar, (...). Mas, ela nunca deixou de ir, sempre participou, minha esposa com meus filhos e a minha família por inteiro”.

Egresso 4: “Totalmente, da minha família totalmente, principalmente da minha mãe, das minhas irmãs, né, em todos os domingos de visitas eles procuravam sempre estar lá”.

Egresso 4: “Minha mãe vinha lá de Boa Vista, enfrentava a maior estrada, doze horas né, chegou a pegar carona uma vez pra vim, pra não perder a visita, (...).

Egresso 5: “Tive. Tive o apoio da minha família sim”.

O apoio e a participação da família durante o tratamento é imprescindível e sinônimo de eficácia no que se refere à recuperação do adicto (LANDAU, 2004). Esse engajamento familiar, para autores como Orth (2005), Seadi (2007), Schwerz (2007), Matos (2008), Mazuca et al (2000) e Costa (2000) é um dos fatores mais importantes em qualquer metodologia utilizada para o tratamento dos adictos, pela sua importância e significado na vida deles, que as tem como seu porto seguro, sua base, sua referência.

A FE trouxe algo de positivo à sua vida

Nas respostas dos egressos para essa questão, observamos que todas as suas colocações convergem para o atingimento da proposta da FE, que é o resgate da dignidade humana e de sua auto-estima, para que se tornem capazes de amar, de se relacionar com o outro, de recomeçar (Klasvagt & Stapel, 1996), culminando com o nascimento de um “homem novo” (Zanom, 2008).

Na experiência de acompanhamento desses jovens durante o tratamento, era visível o “renascer das cinzas” vivenciado por eles, que chegam na FE num “viver-morrendo” como diz Kalina (2001) em consequência do envenenamento efetuado pelas drogas, totalmente desamparados e num alto grau de degradação e

isolamento social a que se submetem pela escravidão das drogas, que o anula e o impede de sequer sonhar em construir um futuro (Serrat, 2001).

Egresso 1: Sim, ela me fez voltar ao Egresso 1 que eu era antes, uma pessoa com caráter, fiel. Voltar a amar minha família que eu não amava mais, não gostava mais de ninguém, não gostava nem de mim mesmo e a Fazenda me fez, me ensinou a voltar ao Egresso 1 de antigamente, um homem novo.

Egresso 1: Amar a pessoas que nem conheço, aprendi a amar, a recomeçar sempre com o irmão, a perdoar o irmão.

Egresso 2: Ah! com certeza! A Fazenda da Esperança, eu digo sempre que é minha segunda família, ela trouxe a maior experiência da minha vida que foi Deus, uma experiência que eu não vivenciava, uma experiência que eu não tinha. (...) E, assim, tudo que a Fazenda da Esperança trouxe na minha vida, foi o maior presente que a Fazenda trouxe pra minha vida foi a minha espiritualidade, foi Deus pra minha vida né, porque o resto eu digo que é uma consequência, (...)

Egresso 3: Sim, sim, trouxe sim. (...) antigamente eu era afastado da igreja, (...) eu ia só por ir né. E hoje em dia não, hoje em dia eu já frequento mais vezes, com a minha ida pra Fazenda eu consegui me colocar na sociedade de uma forma totalmente diferente de como era antigamente, (...) Em casa, minha convivência com meus pais mudou muito, hoje em dia eu consigo falar coisas com meus pais que eu não conseguia falar antigamente (...).

Egresso 4: Bastante né, ela trouxe assim o que mais assim, eu tinha perdido, a confiança da minha família, o retorno das minhas irmãs ao convívio comigo, de a gente sentar e hoje poder conversar, trocar idéias, de ter o apoio delas em qualquer coisa que eu for fazer, e principalmente da minha mãe, do meu pai, hoje assim eu vejo que todo mundo vive bem mais feliz do que quando eu tava na droga.

Egresso 4:Estou bem mais feliz, (...). A Fazenda da Esperança realmente como ela fala lá na entrada é um retorno à vida, então isso foi um retorno realmente à vida.

Egresso 5: Trouxe. Muita coisa né, pela primeira vez assim eu tive o pensamento de ter algo na minha vida. Sempre trabalhei, mas nunca consegui nada. Conseguia mas destruía por causa da droga, mas uma das coisas que a Fazenda me trouxe foi tentar vencer na vida né, como pessoa. Eu sempre digo na reunião que eu sempre participava lá no grupo né que quando a gente quer ser uma pessoa melhor, não melhor que os outros, mas melhor como pessoa, e isso é o que trouxe pra mim.

Além da percepção do surgimento do “homem novo”, também é evidente que para alguns (Egressos 1, 2 e 3) a espiritualidade foi um ponto marcante em suas trajetórias na FE, como ressaltam em seus depoimentos em que falam de Deus, de amor, de perdão, de diálogo, de compreensão, de construção. Perpassam também por essas falas a convivência, que os ensinou a aceitar os outros como são e liberou-os para um diálogo melhor e mais aberto com seus próprios familiares,

favorecido pela auto-confiança resgatada.

Saída da FE e o recomeçar uma nova vida longe das drogas

Para essa colocação, apenas o Egresso 1 disse não se sentir preparado, contra os outros quatro que se sentiram prontos para o recomeço, e desses apenas um se manifestou pronto, mas com receio. Posteriormente, os que afirmaram estar prontos completaram com diversas ressalvas que nos levam a deduzir que não estavam tão preparados como supunham.

Egresso 1: 100% não. Sentia algo que tava faltando assim alguma coisa pra mim, mais um tempo pra mim voltar ir pro mundo, pra sociedade.

Egresso 1: Muito medo de enfrentar meus pais de novo né?

Egresso 1: Não, tinha que ficar mais um tempo na FE. Mas pela regra da Fazenda eu tive que ir lá pra fora, pra sociedade de novo.

O Egresso 2, apesar de se sentir seguro e sair cheio de novos propósitos, reconheceu que super valorizou a sua auto-confiança e isso acirrou o imediatismo inerente aos jovens, que o fez entrar em conflito com o mundo para o qual retornou conforme relata:

Egresso 2: Eu me senti. Eu sempre tive né, cada um na Fazenda tem um propósito e quando a gente sai assim a gente se sente tocado por alguma consequência, ou pra se doar, ou pra sair. (...)a gente sai cheio parece um balão, grande assim parece um gigante (...) com vontade de conquistar as coisas, com vontade de ser, mas muitas vezes a gente tropeça, sabe a gente tem que ter muito discernimento sobre isso, que a gente viveu na adicção dez anos da nossa vida, e a gente quando sai da Fazenda a gente quer ter as coisas em uma semana a gente já quer ter um carro pra andar melhor, a gente quer ter as melhores roupas, quer ta passeando, e o mundo aqui fora não parou, a gente ficou dentro da Fazenda e o mundo continuou, (...).

Tal depoimento corrobora com o que diz Landre (2001) sobre a necessidade de conter o impulso irresistível que sentem alguns adictos (pós-tratamento), de reaverem imediatamente tudo o que perderam ou de quererem alcançar, também de imediato, novas posições sociais apenas porque concluíram seu período de tratamento porque consideram que zeraram seu débito com a família e com a sociedade. Segundo o autor referido, se esses sentimentos não forem trabalhados

podem incorrer em frustrações, que o deixará em situação de vulnerabilidade.

O Egresso 3 ao mesmo tempo que afirmava estar preparado também admitia já sair com vontade de beber, apesar que, para Landre (2001), nem sempre essa fissura significa recaída desde que o adicto tenha habilidade de interromper esse processo internalizando que o ato de ingerir bebida alcoólica, mesmo que o foco de seu vício sejam outras drogas, é totalmente inviável, posto que o álcool vai evocar as memórias da ingestão de drogas, reativar a necessidade do seu uso e diminuir sua resistência ao consumo (Kalina, 2001).

Egresso 3: Eu senti mas, quando a gente sai, as vezes a gente sai com vontade de fazer alguma coisa. E, quando eu saí, eu ainda sentia vontade de beber. Mas aí com o tempo aqui fora na caminhada a gente vai vendo que usar um desses vícios ou beber ou fumar cigarro, retorna tudo de novo.

O Egresso 4 também afirma que se sentiu pronto, mas de acordo com o que foi dito pelo seu familiar na entrevista que será analisada posteriormente, ele optou por permanecer mais um ano na FE, como voluntário, não apenas para se doar mas também para se fortalecer. Em sua fala ele cita o confronto da experiência vivenciada na FE com o tipo de vida encontrado na sociedade. Para ele, só é possível viver fora da mesma maneira, se for dentro de um círculo de pessoas que já passaram ou vivem na FE.

Landre (2001) considera normal esse tipo de dificuldade posto o confronto do adicto com duas realidades distintas ao mesmo tempo. Para ele, esse é um motivo da necessidade do egresso participar de um grupo de apoio que possa contribuir com o processo de reinserção dele, como o GEV.

Egresso 4: Assim, quando eu saí, eu até me sentia bem mais forte, bem mais espiritualizado, bem mais com uma energia bem forte né, mas com o tempo a gente vê assim que ... porque em nenhum lugar do mundo é que nem lá na Fazenda né, da Esperança, ali parece um casulo. (...) as coisas que a gente vive na Fazenda é muito diferente aqui fora né, aqui se você for falar as questões de amar, eu te amo, como eu cansei de falar lá dentro da Fazenda pros meus amigos, pô eu te amo, aqui fora é difícil você falar pra uma pessoa, ou pro outro amigo, dizer pô eu te amo e tal, eu sinto assim essa dificuldade de... Há essa diferença né, essa disparidade né, porque como a gente vive lá é muito diferente do que a gente vive aqui fora, é claro que a gente pode viver aqui fora da mesma maneira como a gente vive lá dentro desde que seja dentro do círculo das pessoas que já viveram na Fazenda, que vivem na Fazenda.

O Egresso 5 se considerava pronto, mas com receio do enfrentamento com a realidade fora do ambiente da Fazenda:

Egresso 5: Se eu me sentia pronto? Eu me sentia mas com aquele receio né. Eu me sentia pronto, mas com um certo medo né. Eu acho que isso acontece com qualquer pessoa que passa pelo problema de adicção e tá dentro de um processo interno e não sabe como vai ser fora né?

O receio declarado pelo Egresso 5 é inerente ao perfil do adicto, cuja fragilização do ego gera o medo do enfrentamento, sejam eles quais forem (Kalina e Fichtner, 1999).

Retorno ao convívio familiar – sentimentos e percepções

Todas as respostas dos egressos parecem convergir para um ponto só: o nascimento ou renascimento de um “novo homem” que eles, implícita ou explicitamente retratam em suas falas, assim como a euforia e alegria de mostrar para todos, mas principalmente para a família, suas transformações. Além disso, percebemos uma certa vontade/necessidade de quererem ser exemplos e tentarem aplicar o que aprenderam na FE, como forma de se desculparem por seus comportamentos enquanto estavam sob o domínio das drogas.

Gikovate (2004) explica esse comportamento de outra forma: para ele, essa visão um pouco deturpada e eufórica de suas posições pós-tratamento, é proveniente do sentimento de se considerarem fortes e com a sensação de superioridade “porque conseguiram ultrapassar os obstáculos da recuperação. Agora, sente-se superior porque foi capaz de se livrar delas”. Ele conclui dizendo: “A verdade é que gostamos de nos sentir especiais (...)” (Gikovate, 2004, p. 85).

Egresso 1: A minha família me viu diferente, né? Viu que eu não era o mesmo Egresso 1, que a Fazenda já tinha me mudado 50% né. Eu não fazia nada na minha casa, eu voltei a lavar louça, lavar minha roupa, levar minha mãe, varrer uma casa, passar o pano, né. (...) Sim, tive dificuldade com o meu pai, eu queria mudar ele, mas eu não podia mudar ele, ele bebia e fumava, a gente esperava, mas a gente tinha que dar o meu exemplo para ele, pra ele ver: o meu filho conseguiu sair das drogas e porque eu não posso sair? (...)

Egresso 2: Eu saí totalmente de uma atribulação, no auge da adicção, no auge da dependência química mesmo, eu voltei totalmente com novas conversas (...)a gente tem outras conversas, a gente fala mais manso, já ta falando diferente, ta falando de Deus, coisas que nem, tava longe da mente dele. (...) que as pessoas já começam a comentar, pó tu ta diferente, ta conversando melhor, não ta mais aquela pessoa agressiva. E, quando eu voltei pra casa foi o que aconteceu né, uma pessoa mais mansa, mais centrada no que queria, eu queria trabalhar, eu queria ter meu espaço na sociedade, eu queria andar de cabeça erguida. (...) Eu sempre gosto de falar do lado da minha família doutora, porque eles sempre me passaram toda a confiança pra mim entendeu? Então essa confiança, eles me

deram toda a liberdade, nunca me prenderam, eu me senti super a vontade, não tive nenhuma repressão né, (...).

Egresso 3: O meu retorno foi no momento assim lembrando um pouco o filho pródigo. Chegou na casa do pai aquela festa, e a gente espera uma coisa tão bonita da família e foi dessa forma que eu recebi, e com o tempo você tem que mostrar com práticas que você realmente mudou né, não é mais aquele Egresso 3 de antes vivia nas noitadas por aí, hoje em dia eu consegui coisas ter coisas na minha vida que eu não tinha antes, principalmente a família perto de mim.

Egresso 5: (...) quando a gente sai da Fazenda a gente acha que vai mudar o mundo né. Mas aí a gente entra numa realidade que não é bem assim, mas o meu retorno pra casa foi bom, eu saí e com dois dias eu já tava trabalhando né.

As percepções do Egresso 4, além do exposto abaixo, foram acrescidas do seu estranhamento de estar, finalmente, vivenciando com sua família um clima de intimidade familiar nunca antes vivenciado por ele, devido sua experiência com as drogas ter iniciado aos dez anos de idade.

Egresso 4: Às vezes eu sentia uma certa desconfiança, mas... eu até entendia, eu entendia as pessoas desconfiarem, porque realmente é uma coisa bem difícil né. Por tudo o que eles passaram né. Então quando eu voltei o primeiro dia pra casa assim parece que eu tava numa outra cidade, com outras pessoas, embora eu convivesse com eles todo dia de visita e tudo, mas quando eu retornei assim realmente parecia que eu tava vivendo em outra casa com outras famílias, porque minha vida sempre foi assim de drogas, então eu tinha que começar a viver diferente né. E como eu falei eu uso droga desde os 10 anos, então desde criança, então eu acho que a partir do momento que eu comecei a me entender eu já usava drogas, então agora mudar totalmente assim fica meio estranho, vendo eu chegar de cara limpa né, uma convivência verdadeira, né.

Subentende-se nos depoimentos acima, a importância e necessidade da validação familiar para os adictos nesse momento tão importante e ao mesmo tempo repleto de insegurança e medo, que é o seu retorno para casa. Essa necessidade encontra respaldo no fato da família se constituir em forte referência na vida do dependente e, que, portanto, vai precisar estabelecer com o seu parente uma relação afetiva que gere confiança nele e a certeza de poder contar com o seu apoio nos momentos difíceis que enfrentará no seu processo de reinserção (Landre, 2001).

Pontos considerados mais fortes na família para colaborar com o egresso

Os pontos citados pelos egressos foram os mais diversos, porém todos positivos e geradores de confiança e validação, como: alegria, acolhimento, retorno à convivência familiar, apoio, confiança, perseverança, amor, diálogo, dentre outros. Todos se sentiram amados e acolhidos, portanto, fortalecidos, o que nesse momento de enfrentamentos é fundamental.

Egresso 1: O acolhimento foi diferente, foi muito bom o acolhimento, a recepção quando eu cheguei, fizeram uma festinha pra mim lá, né, muito choro também, mas não de tristeza, de alegria, pois eu tava voltando um homem novo.

Egresso 2: (...) fora a confiança né, eu tive apoio, (...) foi uma parte fundamental pra minha recuperação, foi essa parte da minha família me apoiar, de ir pro grupo comigo, de dizer não eu to contigo eu vou, se tu não for eu vou assim mesmo, mais do que a gente mesmo muitas vezes né, as vezes a gente vacila, mas a nossa família, persevera, persevera, persevera, persevera na caminhada. Com certeza, minha família sempre esteve ligada comigo na Fazenda e no Esperança Viva, (...), o mundo ele consome a gente, e toda vez que eu falava assim não eu não vou não, a minha mãe dizia não a gente vai, não tem como tu não ir não, primeiro a gente vai pro Esperança Viva (...), tu vai primeiro pra visita na Fazenda, primeiro o compromisso com Deus, primeiro a espiritualidade, porque quando a gente larga das mãos do Senhor, porque é a gente que larga e não ele que larga da gente, a gente vacila, a gente recai, e foi isso assim.

Egresso 3: Foi o amor dos meus pais por mim, tinha coisas que eu não conseguia ver antes, eu só conseguia ver o lado negativo, porque eles sempre estavam me brigando, me dizendo, me criticando, e eu não conseguia enxergar que aquilo era pro meu bem, e hoje em dia não, é tão natural, o que eu for fazer, mesmo que seja aqui na minha casa, ir lá perguntar deles se é correto, se é mais econômico o projeto, coisas que eu não fazia antes, (...).

Egresso 4: A confiança né, a confiança que eles depositavam em mim independente de qualquer coisa, assim também a felicidade, a felicidade da minha mãe, a felicidade das minhas irmãs, dos meus cunhados, de todo mundo assim que me conhecia, até meus vizinhos que quando me viram, as pessoas que eu ia conversar, que falavam que tinham me visto na televisão, em outro lugar, há, tu passou pela Fazenda... (...) Então o ponto mais forte foi isso né: confiança e a felicidade em todos sentiram.

Egresso 5: (...) Ah! me receberam bem né, Depois que eu voltei da Fazenda né? Me receberam bem né, toda aquela expectativa... (...) apesar da droga, eu sempre fui o sobrinho assim mais... o sobrinho mais querido, assim, eu acho né, porque eu tenho uma relação muito grande com meus tios né, de confiança até, tanto é que com dois dias eu fui trabalhar com a minha tia (...).

Voltamos mais uma vez à importância do apoio e participação das famílias no processo de reinserção do seu adicto, posto serem esses vetores condicionantes para o sucesso do tratamento do mesmo (Kalina, 1999).

Para Possa & Durman (2007), o retorno ao convívio social e os enfrentamentos inerentes a esse retorno se constitui na fase mais complexa do processo de recuperação, pelo desafio imposto ao adicto de aprender ou reaprender sua capacidade de viver sem drogas, de mudar suas atitudes, de retomar o vínculo afetivo com sua família, dentre outros, gerando uma sobrecarga enorme para quem tem como perfil fugir dos enfrentamentos, daí a importância da qualidade desse acolhimento familiar, sua manutenção e perseverança.

Adaptação fora da FE

As respostas dos Egressos 1 e 5 para esta questão perpassam pelas necessidades narcisistas que eles tem de significar algo no seu grupo e de estar sempre em evidência, motivações intensamente percebidas no comportamento do adicto (Kalina, 2001).

Egresso 1: Senti muita falta da Fazenda. Muita falta. Tentei aplicar o que aprendera, mas eu não podia me misturar, eles tinham que ver o meu exemplo pra poder eles vir pedir ajuda de mim, saber como eu tava diferente, tava bonito, tava gordo, saudável, eles queriam saber como é que eu tava daquele jeito, ninguém mais acreditava em mim. Cheguei na Fazenda pesando 55 quilos eu cheguei, meu peso normal é 94 quilos, eu voltei com 94 quilos e duas pessoas me perguntaram o que tinha acontecido comigo e eu falei que eu tinha ido pra Fazenda Esperança me recuperar de drogas, né.

Egresso 5: Minha adaptação aqui fora foi meio corrida, eu tive que de repente sair, com dois dias trabalhando sempre naquele ambiente, tentando mostrar... Que eu era um novo homem né e a minha família acreditava na minha recuperação, sempre acreditou, meu avô sempre acreditou na minha recuperação e foi bom, foi difícil pros outros, pras pessoas que estavam do lado de fora, mas com o tempo, antes de acontecer a recaída as pessoas observavam que tinha mudado alguma coisa, mesmo pouco mais tinha.

Num trecho do Egresso 1 a seguir, ele ressalta o preconceito que sofreu por parte de algumas pessoas, que desacreditam na sua recuperação.

Egresso 1: Meu passado me condenava, eles não acreditavam em mim, ficavam pensando: ele vai pro hotel se trancar, tá fumando ainda, nunca ninguém acreditavam em mim, sempre tinha aquela desconfiança.

O preconceito embute o descrédito na recuperação e funciona como um inibidor para o adicto nesse difícil processo de reinserção social. Para Landre (2001) o preconceito, assim como outros fatores, termina por desestimular o adicto, que perde a motivação e fica propenso a retornar aos antigos hábitos e pensamentos, o que lhe é totalmente prejudicial.

Os Egressos 2, 3 e 4 falam de suas tentativas de darem continuidade aqui fora ao mesmo tipo de vida que vivenciaram na FE, e da frustração, no caso do Egresso 3, quando tentava envolver a família nessa nova modalidade de vida e não conseguia.

Egresso 2: (...). A minha adaptação foi boa porque eu comecei a acompanhar o Esperança Viva dentro da espiritualidade da Fazenda (...) porque eu me encontrei logo no Esperança Viva, eu encontrei o trabalho que eu gostava de fazer que era a visita, de ir atrás, que era de dar uma luz pra uma mãe, (...) viver tudo aquilo que a gente aprendeu dentro da Fazenda, porque se a gente não vive tudo aquilo que a gente aprende dentro da Fazenda com certeza absoluta a gente vai voltar pro mundo que a gente vivia né, e ninguém quer voltar pro mundo que vivia, então a gente começa a caminhar aqui fora fazendo o mesmo trabalho da família que é a convivência que você tinha dentro das casas, mesmo trabalho do grupo.

Egresso 3: (...) e de repente tem uma outra situação que é totalmente diferente, você aprende um método de vida que quando você sai de lá você quer chegar na sua casa e colocar em prática e as vezes a família não colabora, porque a desculpa é não tenho tempo, não dá, sempre não tem tempo pra Deus. Então logo no início foi um pouco frustrante isso, eu fiquei um pouco chateado, só quem me acompanhava era meu pai, minha mãe não acompanhava, minha irmãs não me acompanhavam. Então com o tempo foi modelando, eu fui voltando, o corpo foi voltando um pouco o pensamento, um pouco a cidade, um pouco a Fazenda, um pouco a cidade, um pouco a Fazenda, que é como eu consigo viver hoje, eu associei as duas coisas: tentar viver no mundo sem ser do mundo.

Egresso 4: É... uma das coisas eu tento de uma maneira viver o que eu vivi lá dentro da Fazenda, (...) A espiritualidade eu procuro acompanhar o ... eu faço parte do terço né, desse Nossa Senhora Auxiliadora, sempre que eu posso eu vou lá no Esperança Viva né participar da sopa né, ultimamente eu não tenho ido muito mas é por causa do meu trabalho, eu trabalho longe e de dia, quando eu volto, fica meio, as vezes não dá, (...) a questão da espiritualidade eu tive realmente uma dificuldade de manter, mas sempre que posso, eu procuro.

Nos dizeres dos Egressos 2 e 4, se destaca uma tentativa de manter o vínculo com a FE e com o seu modo de vida, seja nas participações nos GEV, nos trabalhos voluntários desenvolvidos através deles e/ou nos engajamentos a grupos de oração tentando se fortalecer para se manterem sóbrios.

Rotina do egresso na volta à sociedade

Das respostas obtidas, constata-se que dos cinco entrevistados, todos envidaram esforços em manter a rotina da FE fora de seu espaço, com exceção do Egresso 5 que confirmou ter desistido muito rápido de esboçar tentativas nesse sentido, segundo ele por força do trabalho, que iniciou dois dias após sua saída da FE.

Egresso 1: Eu ia pra missa todo dia, de terça a domingo. Só que lá fora é diferente, o mundo lá fora é diferente, o mundo ele vai consumindo a gente devagarzinho de novo, quando a gente menos espera já tá envolvido nele de novo, se não tiver cumprindo as regras que aprendeu aqui dentro, rezar o terço, dormir cedo, acordar cedo, cai de novo no vício.

Egresso 2: Então eu trabalhava o dia todo, chegava em casa eu rezava o terço com a minha mãe, meu pai né, com a minha sobrinha, de noite tava cansado queria deitar, quando tinha o Esperança Viva trabalhava até 7 horas, ia pro Esperança Viva, do Esperança Viva se tivesse alguma visita pra fazer, ia fazer a visita, deixava minha mãe em casa, ia fazer essa visita com algum outro ex, (...) a única coisa que mudou da Fazenda é que a gente não rezava o terço de manhã, rezava o terço de noite aqui em casa.

Egresso 3: (...) Eu passei logo os dois meses primeiros fazendo as mesmas coisas que eu fazia na dentro da Fazenda. Acordava cedo, tomava o café, ia rezar o terço, principalmente antes de arrumar o emprego.(...)

Egresso 4: A minha rotina era buscar cada vez mais a espiritualidade, sempre eu tava presente, sempre eu tava buscando, sempre eu tava rezando meu terço de manhã eu mesmo, quando eu não ia pro terço ou então quando eu não ia no Esperança Viva, eu buscava eu mesmo né rezar meu terço, buscar minha espiritualidade.

Egresso 5: Minha rotina diária, como eu falei, voltei a trabalhar com a minha tia na área de bar, então eu saía pra trabalhar às duas horas da tarde, retornava pra casa a uma hora da manhã, duas horas, dormia, acordava só pra tomar banho e voltar ao trabalho né.

Os relatos seguintes dos egressos 1 e 3 mostram também a tentativa de continuar vivenciando a rotina na FE na sociedade não se estendeu por muito tempo, e o que apreendemos é que foram perdendo o foco na proporção em que se deixaram envolver pelo cotidiano do mundo. O Egresso 3, posteriormente, após recair e conseguir recomeçar, está conseguindo estabelecer um ponto de equilíbrio entre o trabalho e a espiritualidade, que segundo ele, é o que o mantém bem.

Egresso 1: As pessoas né, fui me aproximando das pessoas que não devia, fui deixando de ir pra missa, fui deixando de ir pro terço, ia domingo mais tarde, eu não estava dormindo no meu horário, tava dormindo meia-noite, tava acordando tarde.

Egresso 2: Aí depois que eu arrumei o emprego as coisas do mundo, querendo ou não, vão se infiltrando dentro da gente, as ocupações do dia a dia, que vai deixando que a gente deixe de lado aquilo que aprendeu dentro da instituição aos poucos, isso acontece muito quando a pessoa sai logo da Fazenda assim, porque ele tá curioso pra ver o que é que o mundo ainda tem a oferecer a ele, algo de diferente que na realidade não mudou nada o que mudou foi a gente, então a gente é que tem que se adaptar de novo a esse mundo que tá aqui fora. Então pra mim, a melhor forma foi essa, tentar conciliar as duas coisas, a religião e as coisas do mundo, senão eu não conseguiria estar bem hoje.

A continuidade da vivência da espiritualidade é fundamental para dar sentido à vida, dar força para enfrentar os desafios da difícil sociedade em que vivemos hoje (Santos, 2010). Para STAPEL (2007), se os que renasceram, descobriram o caminho do amor e tornaram-se “homens novos” não perseverarem nesse novo caminho, certamente sucumbirão ao egoísmo do sexo, das drogas e do consumismo, ficando presos, portanto, às provocações do mundo. Viana (2001) ressalta que:

Quem primeiro mencionou as possibilidades de recuperação de alcoolismo pela via espiritual foi Carl Gustav Jung, em 1934, a um de seus pacientes alcoólatras, o americano Roland, banqueiro e ex-senador americano pelo estado de Connecticut. Roland se tratava com Jung desde 1931. Em 1934 Jung disse a Roland que sua única esperança seria uma experiência espiritual ou religiosa: conversão ou uma profunda mudança de personalidade (Viana, 2001, p. 205).

Prática do planejado para a nova vida

Alguns egressos responderam que sim, que conseguiram (Egressos 2 e 3) desenvolver o que tinham planejado; outros que não (1 e 4), mas confirmam que não perseguiram os seus objetivos. O primeiro porque, segundo ele, quis fazer tudo ao mesmo tempo e se atrapalhou, e o segundo porque começou a trabalhar e se acomodou. O Egresso 5 diz que conseguiu apenas em uma de suas propostas, mas que tentou.

Egresso 1: Eu planejei tanta coisa, chegou lá fora não deu nada do que eu tava planejando, eu pensava numa coisa e deu outra. Porque eu não vivi o momento presente lá fora, eu queria fazer tudo de uma vez, e não deu para ir tudo de uma vez, eu queria trabalhar, eu queria malhar, eu queria treinar, e tem que fazer um por um pra poder dar certo, tentei fazer tudo junto e eu me atrapalhei todo lá fora.

Egresso 2: (...) eu descobri que eu tenho que ter metas e objetivos na minha vida, porque meus planos sem metas e objetivos vai ser um plano frustrado né (...) então eu tinha esses planos né, e quando eu saí apareceu outros planos né, (...) Exatamente, alguns dos planos deu certo, alguns foram de outro jeito mas que todos os planos se encaminharam pra mesma situação pro bem, pro bem da minha família, pro bem assim para eu ter um pouquinho de tempo pra Fazenda, (...)

Egresso 3: Sim, consegui. Um deles, é ter a casa que eu tenho hoje, ter o meu carro, ter a minha família toda perto de mim, meus filhos, minha esposa, meu pai, minha mãe, e, conseguir realizar um desejo da minha esposa, que ela disse que queria casar numa igreja, eu disse pra ela que não ia casar. Passei 10 anos enrolando ela, depois mais um na Fazenda, 11 anos, depois mais uns dois aqui fora, eu fui casar com 13 anos. Então foi uma coisa assim, um desejo muito grande tanto pra ela, quanto pra mim, conseguir realizar meu casamento com ela dentro da instituição que eu me recuperei.

Egresso 4: Não, não coloquei em práticas muitos planos não né, eu busquei algumas coisas que não deram muito certo, mas que eu acho que eu esperava muito, e criei uma expectativa muito grande e não corri atrás dessas coisas, dessas expectativas, desses sonhos, não busquei realmente por em prática as coisas que eu tinha que fazer realmente, devido ao trabalho, você começa a trabalhar... você já, parece que já preencheu alguma coisa, meu trabalho principalmente é muito difícil, fica longe tudo, tem uma série de pessoas de todo tipo, então muitas coisas me afastaram do que eu planejava pra minha vida realmente.

Egresso 5: O que eu tinha planejado era tentar recuperar tudo que eu tinha perdido né, confiança, dinheiro, e o que eu coloquei em prática em poucos tempos assim foi a confiança, pois apesar de tudo minha família confiava em mim em relação a dinheiro né, a conseguir as coisas materiais eu não tive muito tempo né. Tentei colocar em prática...

Para Landre (2001), é muito importante que o adicto internalize que é necessário

aprender a refletir sobre suas atitudes e comportamentos, diante de situações que o cercam no trabalho, (...): na distinção entre planos e projetos, esperanças, expectativas e sonhos imaturos; deveres para consigo mesmo, com o grupo e com a sociedade como um todo (Landre, 2001, p. 351).

Para Gikovate (2004), estabelecer metas e persegui-las, com persistência e determinação, é o caminho.

Tempo de permanência sóbrio após sair da FE

O tempo apontado pelos egressos variou de três meses a dois anos e oito meses.

Egresso 1: Depois que completei um ano, eu permaneci três meses sóbrio.

Egresso 2: (...) eu fiquei, dois anos e oito meses na sobriedade total, contando com a Fazenda, três anos, (...).

Egresso 3: Oito meses.

Egresso 4: Eu permaneci mais ou menos uns seis meses, seis meses sóbrio.

Egresso 5: Três meses.

Os que recaíram com apenas três meses (Egressos 1 e 3) foram os que afirmaram terem desistido logo de tentarem viver a experiência da FE fora dela, e os que permaneceram mais tempo sóbrios (6 a 8 meses e 2 anos e 8 meses) foram os que persistiram na tentativa de dar continuidade ao que apreenderam, e freqüentando os GEV.

Para Knapp (1993) e Kalina (1999), não se pode perder o foco de que a dependência química, por ser um transtorno crônico, traz em seu bojo os lapsos e recaídas. Mas, por isso mesmo, Álvarez (2007) afirma que a recaída é considerada como “parte do processo de reabilitação e não o final deste processo. Não significa que a pessoa tenha fracassado ou que não possa recuperar-se com o tempo” (Álvarez, 2007).

Motivos para a(s) recaída(s)

É interessante perceber que os entrevistados mostram ter entendimento de que recaíram porque facilitaram, ou seja, deixaram de tomar os cuidados necessários para evitar a recaída. Lá na FE, durante todo o tratamento, mas principalmente próximo ao término do período de tratamento, é sempre reforçado aos internos que a dependência química, por ser uma doença recidivante e crônica não tem cura, mas que eles aprenderam nesses doze meses que podem viver sem drogas. Além disso, eles foram preparados para retornar à família e à sociedade e para isso lhes foi dado o caminho, portanto, como ressalta Zanoni (2008) “O referencial foi dado, a semente foi lançada (...)”, mas é imprescindível que estejam sempre vigilantes, então, o “Orai e Vigiai” é para sempre.

Nos trechos abaixo eles confirmam o que dizem os autores sobre o desencadeamento das “fissuras”:

Egresso 1: Eu saí pra uma festa, chegou lá, eu comecei a dançar, tomei uma latinha. Uma coca com cerveja, o leão que dava dentro de mim acordou e já queria uma droga já, foi o suficiente para mim voltar pro fundo do poço mais rápido do que a primeira vez. (...) se eu tivesse levado minha família pra festa eu não teria bebido, foi uma latinha que eu tomei, já deu vontade de usar droga, nem mais fiquei na festa, tomei uma latinha, já fui comprar droga, já fui direto pra boca.

Egresso 2: (...) o motivo que me levou a recair foi exatamente uma renúncia que eu não soube fazer, mais uma das renúncias né, eu tava na igreja, tava participando de tudo, não tinha largado a mão de Deus, não tinha nada, doutora, eu tava fazendo tudo como a cartilha manda, tudinho, tudinho, foi simplesmente uma vontade que eu tive, e, eu não soube dizer mais um não,...).

Egresso 3: O motivo pra recaída é a própria vontade que dá na gente, e a gente não consegue dizer não.

Egresso 4: (...) na realidade eu me deixei levar realmente por uma fraqueza eu não sei, eu sentia as vezes uma necessidade, e alguma coisa ficava martelando na minha cabeça, e, em vez de eu procurar a espiritualidade, procurar viver o que eu tinha aprendido dentro da Fazenda eu só me afastava e, cada vez mais e, esse afastamento eu acho que tenha me levado à recaída.

Egresso 5: A convivência né, com a bebida, eu voltei pra um local onde todas as pessoas me conheciam, todas as pessoas do meio adicto, do meio das drogas, então as vezes eu tava trabalhando lá e chegava alguém pra levar a droga pra mim e eu, por três meses eu consegui resistir a isso aí (...).

Kalina (2001) ressalta que a *cervejinha*, o *vinhozinho*, e etc., ou seja, a ingestão de bebidas, é a principal porta para a recaída. Leite (2001), explica que o uso do álcool, mesmo que o adicto não seja alcoólatra, “vai evocar as memórias do consumo da droga da qual era usuário” (Leite, 2001, p. 159), e naturalmente vai reativar a necessidade da droga e a conseqüente diminuição de sua resistência.

Egresso 1: Tava, mas aonde eu tava não era bem, era numa boate, numa danceteria, eu tava forte, bonito, pensando que eu era o dono da situação, pensando que eu me garantia, fui colocar uma latinha e acabou tudo naquele dia, o mundo desabou em cima de mim e eu voltei pro fundo do poço de novo.

Egresso 4: Aconteceu primeiro, eu comecei a beber né, a beber e tudo e achar que podia beber, a gente saiu prum forró, até o meu cunhado né, a gente foi pro forró, e nesse forró, pronto eu já tinha bebido no forró, e no outro dia eu saí de novo e depois comecei a sair até que apareceu a droga de novo tudo né, e foi mais ou menos assim.

Egresso 5: A convivência né, com a bebida, eu voltei pra um local onde todas as pessoas me conheciam, todas as pessoas do meio adicto, do meio das drogas, então as vezes eu tava trabalhando lá e chegava alguém pra levar a droga pra mim e eu, por três meses eu consegui

resistir a isso aí né dona I. Falava que não, que não queria mais, mas aí fui dando abertura pro álcool, pro cigarro e... o terceiro passo foi pras drogas.

Leite (2001) ainda alerta que o retorno ao convívio com os antigos colegas de consumo, assim como a frequência aos bares, *haves*, e demais locais onde há a facilitação de drogas deve ser evitado, pois essas atividades servem como indutores aos desejos de consumir, às fissuras, e nessas ocasiões dificilmente ele conseguirá resistir ao apelo da droga e voltará a consumi-las, efetivando a recaída.

Sentimentos ao recair

Constatamos que os sentimentos demonstrados por todos são similares: depressão, culpa, remorso, vergonha, dentre outros. Eles próprios não entendem suas recaídas, e o quadro de depressão, de vazio existencial embutido de angústia, se não forem tratados de imediato, segundo Lanaro (2000), induzem a novas recaídas, ou seja, se estabelece um círculo que se não for detido vira uma “bola de neve”.

Egresso 1: Meu Deus do céu! Uma depressão que me levou pro fundo do poço. Quando eu vi que eu tava usando droga, comprei cocaína, depois quando eu acabei veio uma depressão em mim, uma depressão que... eu aprendi tudo, passei um ano na fazenda, minha mãe me ajudou, pagou a cesta, mandava pra mim providência, roupa, perfume, pasta, tudo, e eu fazer isso, aí até me matar eu queria mano, todo dia eu vendia tudo que eu tinha, tudo.

Egresso 2: (...), meu sentimento mais forte foi de não poder ir na Fazenda da Esperança assim, de chegar, de simplesmente chegar lá e o pessoal me olhar como luz e tal, um sentimento, eu acho que mais forte que isso foi saber que a minha mãe ia chorar mais uma vez. (...) mas o sentimento mais cruel que eu tive, foi de não poder andar com a cabeça erguida entendeu? (...) tu não pode mais falar nada, porque tu ta errado, tu não pode falar assim mano não usa, poxa da um passo e tal, tem jeito. Tu recaiu, como tu vai falar tudo isso? A pior coisa que tem é tu não ser exemplo pra ninguém, tu ser mais um na sociedade, ser de novo o que você era entendeu? De novo tu na onda, de novo tu recaído, de novo tu não vai ter nada, de novo tu vai ser mais um, de novo não vou ser exemplo pra ninguém, de novo tua mãe vai chorar, de novo Deus vai ta triste comigo, de novo eu não vou poder entrar na igreja, porque a gente se sente envergonhado.

Egresso 3: (...), com pensamento muito pesado, porque muitas pessoas apostaram na gente, pai, mãe, vários voluntários, o mundo inteiro conta que ali a gente tando ali vai sair recuperado pra vida inteira e acabar não é dessa forma, tudo dependente da gente. E quando eu fui a primeira vez eu fiquei muito deprimido, com vergonha das pessoas, não consegui olhar pras pessoas como eu olhava antigamente, não conseguia ir na Fazenda de forma alguma, uma coisa que dá na consciência por ter passado um ano na instituição, é vir uma cobrança internamente da gente, mas aí depois quando a gente consegue dar a volta por cima desse exame, é quando a gente consegue se levantar de novo e caminhar.

Egresso 4: De culpa né, de muita culpa, hoje assim, a gente.. (...)hoje eu acho que a droga não dá nenhum prazer na realidade, ela dá mais culpa, mas é... essa culpa que fica remoendo na nossa cabeça o tempo todo, eu fico muito... a depressão que vem após a droga, hoje ela é bem mais difícil, devido a questão da culpa né, de tudo isso que a minha família fez por mim, a alegria e tudo, hoje causar uma tristeza.

Egresso 5: A decepção né, decepção, sentimento de que eu não tinha mais jeito mesmo né, mas ao mesmo tempo que vinha esse sentimento eu... eu sempre lutei, sempre lutei pela minha recuperação, isso aí eu acho...

Os outros sentimentos, os mais contraditórios possíveis, são entendíveis e originados de seu próprio ego que não admite sua fraqueza, sua fragilidade, sua dependência, e cobra-o de maneira implacável: como vai ser protagonista agora que recaiu? Como vai servir de exemplo? Além disso, são também fortes os sentimentos com relação à família: vão ser novamente responsáveis pela dor de seus entes queridos. Afinal, reconhecer sua vulnerabilidade e sua impotência perante às drogas seria reconhecer que ainda é manejado por elas, o que é intolerável para o seu ego narcisista (Kalina, 2001).

Neste momento, o adequado seria encararem (eles e suas famílias) a recaída como estado de transição, que faz parte do processo de mudança que estão vivenciando e que pode servir para a conscientização dos seus conflitos e como oportunidade de rever suas convicções em torno da abstinência. Cabe ressaltar que para alguns adictos a recaída é essencial para que possa aprender com a experiência e recomeçar com mais lucidez sua nova caminhada (Álvarez, 2007; Landre, 2001).

Ao serem indagados se lembraram da FE quando estavam recaídos, todos disseram que sim, o que confirma a leitura de Zanom (2008) “que a semente foi lançada”.

Egresso 1: Lembrei de todos da fazenda que me ajudaram. Principalmente da Irmã Nilde, do padre Anderson.

Egresso 2: Pensava, mas assim, (...), quando a gente recai a gente, a pessoa que já passou pela Fazenda, ela se envergonha de uma tal forma, (...) que tu não tem coragem de ir na Fazenda da Esperança, tu abaixa tua cabeça totalmente, lá tem uma espiritualidade tão grande, tem um Deus altíssimo que tá lá, quando a gente chega a gente sente isso na Fazenda da Esperança que a gente se envergonha totalmente, eu pensava na Fazenda, mas eu disse (...), eu não quero ir pra Fazenda, não porque eu não queria ir pra Fazenda, mas é porque a gente se envergonha de olhar nos olhos dos meninos e de não poder falar nada pros meninos, (...)

Egresso 3: (...) Pensei tanto que no Natal quando eu passei recaído, expulsei minha esposa de casa, pra ficar usando dentro de casa, e entre o período de Natal e o Ano Novo eu tomei a decisão de passar o Ano Novo na Fazenda, minha esposa um dia antes da virada do Ano Novo foi levar os filhos pro médico e eu sai fugido pra Fazenda, peguei duas mudas de roupa, um lençol, peguei um ônibus e me mandei pra lá, passei o Ano Novo na Fazenda.

Egresso 4: Várias vezes, várias vezes. Eu acho que não tenha uma vez que eu tenha usado que eu não tenha me lembrado da Fazenda, inclusive as vezes quando eu tava usando eu ficava me lembrando das músicas que a gente cantava na Fazenda. Isso pra mim era muito difícil, eu ficava, nossa o que é que tá acontecendo? Então eu sempre lembrava da Fazenda, eu acredito, apesar de tudo, mas eu acredito muito na Fazenda, as músicas da Fazenda, as coisas de lá, em especial assim, quando eu tava usando eu ouvia as músicas da Fazenda.

Egresso 5: Sempre me lembrei da Fazenda, pra mim a Fazenda foi aonde eu quis mesmo me livrar mesmo, eu já queria, mas as coisas que eu aprendi na Fazenda...

I - O que tu aprendesses na Fazenda nesse período, nas tuas recaídas, te ajudou muito a recomendar a cada uma delas?

Egresso 5: A cada uma delas, sempre me ajudou, eu acho que se a Fazenda não tivesse existido na minha vida eu nunca ia recomendar, nunca.

Tempo de recaída

O tempo de recaída deles variou de quatro a sete meses, com duas ressalvas: o Egresso 4, apesar de indicar quatro a cinco meses como período em que permaneceu recaído, informa que até hoje ainda bebe, mesmo sabendo que a bebida o leva às drogas ilícitas, foco de sua dependência:

Egresso 4: Eu passei praticamente é... uns quatro meses, cinco meses, às vezes, até hoje mesmo eu ainda bebo, as vezes, e isso mesmo a minha família fica muito triste quando eu bebo. A bebida me leva às drogas.

O Egresso 5 tem intercalado períodos de recaída com períodos de sobriedade, conforme declara:

Egresso 5: (...) eu nunca fiquei assim direto né, mas eu fiquei seis meses assim alternados né e depois disso eu passei dois anos, (...) sem usar nada, foi quando a minha mulher falou que ia embora, e, eu sabia que ela tava grávida e, eu falei que não, que eu não podia fazer isso, então eu tomei a decisão de não usar mais drogas, então eu consegui passar dois anos e quatro meses sem usar nada, foi quando teve uma outra recaída. Ai nessa outra recaída eu já tinha duas coisas que me davam força né: eu tinha a vontade que eu não queria e o meu filho né, que é o mais importante.

Os estudos de seguimento (recuperação e recaída) indicam que aproximadamente apenas um terço dos pacientes consegue a abstinência permanente com sua primeira tentativa séria na recuperação. Outro terço tem episódios breves de recaída, mas resulta, eventualmente, abstinência em longo prazo (Álvarez, 2007).

Sair das drogas novamente

Egresso 1: Eu tinha vontade de mudar de vida. Vontade.

Egresso 2: O que me fez recomeçar doutora foi assim... a gente não se agüenta mais se ver naquele estado, eu me olhava no espelho todo sequinho de novo, feio, raquítico, só pele e osso de novo, não eu pesava setenta e poucos quilos, setenta e quatro kilos e voltei pros 55, né possível, eu preciso recomeçar, eu cobrava,...) Mas eu me cobrava muito, poxa mas eu preciso por causa da minha mãe, por causa de mim mesmo, eu tinha os meus planos, os meus terrenos, meus apartamentos, queria montar meu negócio, eu me cobrava em tudo (...)

Egresso 3: Minha força de vontade, a força de crescer na vida, ter minhas coisas, e de poder ajudar as pessoas que estão no mesmo problema que eu, que eu passei né.

Egresso 5: Como eu te falei já, quando eu fui pra Fazenda, eu não queria mais a droga na minha vida.

O que se apreende de suas respostas, é que eles realmente não queriam voltar para as drogas, apenas “facilitaram”, não conseguiram dizer “não” e sucumbiram, e como as recaídas são sempre mais intensas, levaram algum tempo para terem forças para se reerguerem. Apenas o Egresso 4 colocou como foco de sua saída o sofrimento da sua família e não sua vontade própria, o que é um pouco temerário e que responde ao fato de continuar fazendo uso de bebida alcoólica, se arriscando, pois sinaliza ainda não estar convicto de que ele realmente quer permanecer sóbrio.

Egresso 4: Eu vejo o sofrimento da minha família né, (...) depois que eu sai da Fazenda parece que eu não conseguia me apaixonar por ninguém, gostar de outra pessoa, nisso eu me sentia mesmo bem infeliz o que estava acontecendo comigo né. E, nisso, hoje, de repente aparece uma pessoa que quer ficar comigo, me ajudar e tudo, então eu quero dar essa oportunidade não só pra mim, pra ela, mas a gente viver uma vida normal (...).

Ajuda para se reerguer

Egresso 1: Ô padre eu to recaído, eu to no fundo do poço, mais uma vez eu queria que tu me deixasse ficar um mês na Fazenda.

Apesar do Egresso 1 falar só no padre sabemos pela entrevista da mãe que antes de chegar ao sacerdote ele pediu ajuda à ela, portanto ambos foram responsáveis pelo recomeço.

Egresso 2: Eu busquei muita ajuda com Deus, eu acho que com todo o meu vacilo, com tudo, com tudo, com tudo eu sabia que Deus era misericordioso,(...) eu pedi que Ele me mostrasse um caminho já que eu tinha me envergonhado tanto na Fazenda da Esperança e me mostrasse o que eu era pra o que eu tinha voltado a ser e eu pedi assim Senhor me mostre um caminho que eu quero recomeçar, eu não agüento mais isso mais uma vez, já tá bom, eu já aprendi, levei de novo tapa, tudo veio com um propósito seu.(...) a gente sentou, minha mãe falou e aí, minha tia e aí, eu falei mãe umbora lá pro sítio, eu quero ir pro sítio, que eu preciso me isolar, eu to pedindo ajuda de novo que eu não quero ir pra Fazenda que eu tô com vergonha dos meninos e tudo, numa noite a gente tomou essa decisão, quando a gente acordou de manhã, a gente foi embora pro sítio só com as nossas malas, colocou nossa mochila e foi embora, deu certo.

No caso do Egresso 2, ele iniciou falando que buscou ajuda com Deus, mas além da espiritualidade, procurou a mãe, segundo seu próprio relato.

O Egresso 3 diz que buscou força nele mesmo, mas também cita um episódio com a filha que serviu de elemento propulsor para o seu recomeço e em respostas anteriores também admitiu ter ido buscar ajuda na própria FE.

Egresso 3: Foi dentro de mim mesmo, porque posteriormente as pessoas que estão ao nosso redor, sempre querem o nosso bem, mas se a gente não tiver essa força de vontade de dentro, a gente não consegue, mas um fator assim principal que me cobra muito é quando a minha filha vinha me pedir dinheiro pra comprar alguma coisa, um real pra isso, um real pra aquilo, e, eu não tinha, porque tinha gastado com drogas, então isso foi um fator que veio me cobrar muito, coisa que quando eu saí da Fazenda, ela me pedia, eu não tinha, mas eu tava tranquilo porque eu não tinha mesmo, não tinha gastado com nada, e quando eu recaí não, quando ela me pedia, eu não tinha porque tinha comprado um cigarro, droga. Então isso foi um fator muito forte, hoje em dia não, é totalmente diferente, hoje em dia ela me pede quando eu não tenho, eu mesmo já me entendo, não tenho aquela cobrança dentro de mim, aí quando eu tenho eu vou e dou a ela, então esse foi um fator, a minha filha e o outro foi a minha própria vontade de estar bem não só comigo como com a sociedade e a minha família.

O Egresso 4 cita apenas a família:

Egresso 4: Eu encontrei ajuda com a minha irmã, a X, com o Y, o meu cunhado, a minha irmã, a Z, que são as pessoas assim que mais me ajudam, principalmente a minha mãe,

porque a minha mãe acredita muito me mim, então, eu não quero mais fazer essas pessoas sofrerem, e, eu busquei essa ajuda com eles e elas procuram me ajudar da maneira que elas podem, me acreditando, me dando uma oportunidade, então essas são as pessoas que me ajudam e a qual eu busco essa ajuda.

O Egresso 5 cita a FE e a família.

Egresso 5: Busquei na Fazenda, busquei ajuda com meu avô, né.

A relevância detectada é que todos revelaram querer recomeçar e conseguiram reconhecer que precisam de ajuda, o que já é um passo dado em direção à sobriedade. Mais uma vez fica patente a evidência de que o ano passado na FE não foi em vão e que os valores lá resgatados e assimilados, assim como a espiritualidade apreendida fez a diferença. Por outro ângulo, eles conseguiram também perceber a recaída como um lapso, um equívoco, uma oportunidade de aprender com o erro, de crescer como ser humano e se fortalecer na busca de novas habilidades e estratégias de enfrentamento às situações de risco (Marllat e Gordon, 1993).

Outras observações:

Egresso 1: Essa recaída me ensinou muito. Por um lado foi bom, por outro lado foi ruim, de eu ter recaído. Que a recaída ela me ensinou muito, eu fui muito afoito lá fora, eu não resisti à tentação e acabei quebrando a cara mais uma vez.

Egresso 2: Então o que eu posso acrescentar assim é que né, é sobre os adictos que eu conheço (...) que eles possam verdadeiramente dar esse passo, quando a gente é do mundo doutora, quando a gente vai falar de Deus pro cara, meu irmão ele não quer saber de Deus, ele não sabe muitas vezes, ele não conhece também, quando vem aquele crente pregar, vem lá naquela esquina, ele já fica naquela, po, vamos sair fora, eles dão um pedacinho de papel pra gente, as vezes ele não quer aquilo, as vezes ele só quer que a gente sente do lado dele e escute ele um pouquinho e ele não quer escutar nada, ele simplesmente quer ser escutado né, então o que eu tenho pra acrescentar assim que...(...). Exatamente. Aquela experiência da esquina de sentar ali e dizer mano eu tô aqui contigo, precisando eu vou tá aqui. O que eu tenho pra acrescentar é que Deus é maravilhoso né, falando um pouco de Deus assim, Ele sempre vai nos dar suporte se a gente tiver com ele né as coisas vão acontecer no tempo dele, na hora dele. (...) ELE me deu tudo no momento presente, tudo na hora DELE (...) então eu só tenho a agradecer a Deus por tudo, por tudo que aconteceu, por tudo que tá acontecendo, por tudo que a minha família passou de novo, pelo bem estar, pela saúde, por eu tá bem, porque eu sei se eu tiver bem, minha mãe vai tá bem, meu pai vai tá bem, minha família vai tá bem, os meninos da Fazenda que me amam vão tá bem, os que não me amam também, vão tá bem também, né doutora, mas é isso assim, precisando de alguma coisa eu vou tá aqui a disposição. (...)

Egresso 3: Pras pessoas que estão recaídos que levante a cabeça, as dificuldades vem mas se a gente tiver força de vontade e ficar próxima das pessoas que querem o nosso bem a gente consegue caminhar de novo, mas se a gente olhar aquelas pessoas que estão próximas

da gente e que querem o nosso bem como nossos inimigos a gente vai permanecer recaído e não ter forças pra levantar.

Egresso 3: Para permanecer sóbrio primeiramente Deus, segundo a força de vontade e terceiro nunca deixar de frequentar os grupos de auto-ajuda, de frequentar a instituição que participou e de botar em prática o que a Fazenda nos ensinou, sempre ajudar os outros sem ver a quem.(...)

Egresso 4: Eu queria assim acrescentar que as vezes a culpa e a vergonha até, elas impedem muito de a pessoa se recuperar né, como é... se reerguer novamente, essa é a palavra, porque ela só faz afastar cada vez mais você do caminho, a culpa e a vergonha, então, eu acredito que a pessoa não tenha que ter nenhum desses dois sentimentos se ela quiser realmente voltar pra uma vida normal, de novo. Essa foi a maior dificuldade que eu tive porque esses sentimentos de culpa, a vergonha, esse transtorno próprio que eu criei isso só fez me afastar cada vez mais, em vez de eu assumir isso de uma maneira limpa e clara... (...) Justamente isso, a humildade que eu aprendi tanto lá na Fazenda, ser humilde e tudo, eu nunca fui uma pessoa arrogante, eu nunca fui uma pessoa... mas só que dentro acho de mim, esse sentimento de culpa, aquela coisa toda, me prendia a não buscar uma ajuda, sabe. Mesmo que as pessoas sabendo e tal, eu sempre negando, a negativa principalmente, não, não, né isso, vocês não querem acreditar em mim, e isso... eu não fui humilde, eu não fui assim corajoso né de assumir realmente que tava passando por uma dificuldade, mas hoje eu vejo.. até ainda agora mesmo eu tava conversando com o X, a gente conversando, pôxa, tudo é uma questão de humildade de chegar e falar, olha realmente tá se passando isso, eu não tô conseguindo, então, esquecer essa questão de vergonha... vergonha é tá de novo, entendeu? A vergonha não é pedir ajuda, a vergonha é continuar na mesma coisa. (...) É muito difícil, eu não sei as pessoas que nunca passaram por drogas né fisicamente, mas como a minha vida toda foi de droga né, desde os 10 anos até os 23 anos, então a minha vida toda foi isso, então hoje para mim viver uma vida diferente é bem complicado. Então como eu to falando agora né, a questão da humildade, de buscar uma ajuda, de falar não, tá se passando isso, foi isso que eu não fiz, isso foi o meu maior erro, então hoje eu busco ser bem mais claro, buscar mais ajuda.

Egresso 5: A consideração assim que eu vejo é que eu acho que poderia fazer algo assim pelas pessoas, já fiz um pouco, mas acho que poderia fazer mais, me inteirar mais, até em participar de algum grupo. É isso, agradecer. Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de me libertar das drogas graças a Deus. Eu tenho isso na minha cabeça que eu vou viver bem ainda, eu vivo bem graças a Deus. E, isso vai chegar ao ponto que não vai ser nenhum problema pra mim, não tá sendo, não tá sendo. Mas a gente sempre tem aquele receio né, duma coisa que eu não sinto falta é de bebida, eu não sinto falta. Mas às vezes dona Izolda o meu problema é que eu sou meio estourado, eu as vezes, vou ver se tomo uma cerveja pra despertar, mas é aquela desculpa que eu já sei que tá errado. Mas eu queria só falar mais uma coisa, eu posso? É possível a gente viver sem drogas. A pessoa mais adicta que tem é possível, eu era uma pessoa muito fissurada assim pelas drogas, fazia qualquer coisa quando tava naquele momento de fissura, e hoje em dia graças a Deus eu não... eu vejo a diferença. Apesar de ter tido algumas recaídas, mas... Não é mais como antes. Com certeza não.

Essas colocações foram de suma importância por mostrarem os efeitos que a recaída teve para alguns, que pelo visto, estavam naquele grupo de adictos que precisavam passar pela recaída para aprenderem com ela. Para outros ficou o “encontro com Deus” proporcionado pela FE, que se manifestou durante todas as entrevistas e que culminou com a fala de todos quando saem de “si”, do

protagonismo natural do seu perfil, para se preocuparem com os “outros”, que ainda estão recaídos. Essa afirmação vem de encontro ao objetivo primeiro da Fazenda que é o de ensinar a amar através da vivência do Evangelho, onde se aprende a amar a DEUS e ao irmão gratuitamente. Como diz Santos (2010), “portanto, o amor recupera, o amor torna sóbrio, o amor dá o verdadeiro sentido à vida de um ES, dentro e fora da Fazenda”.

Percebemos, nas suas falas, que quase todos voltaram a participar dos GEV e de praticar atos de solidariedade ao outro necessitado, o que significa que estão caminhando e lutando por uma vida nova.

5.3. Familiar do egresso: recaída e sobriedade

Passaremos a apresentar e discutir os resultados das entrevistas realizadas com os familiares dos egressos da FE de Manaus, buscando identificar o seu perfil e, sobretudo se existe alguma relação desse perfil com a(s) recaída(s) e a sobriedade do seu ente familiar. Assim observamos:

Internação espontânea ou imposta pela família

Dois familiares responderam que seu parente buscou ajuda e os outros três afirmaram que eles ofereceram ajuda e seus entes adictos aceitaram.

- ✓ Família 1: Foi ele que pediu ajuda. Ele pediu ajuda, chorou muito e pediu ajuda.
- ✓ Família 2: (...) eu perguntei se ele queria ir aí ele disse que queria, e foi por conta dele, foi como resolveu ficar.
- ✓ Família 3: O pai dele ofereceu ajuda e ele aceitou.
- ✓ Família 4: (...) já tínhamos tentado ajudar várias vezes ele, só que nunca dava certo, nunca dava certo, e dessa vez não, ele que pediu ajuda.
- ✓ Família 5-A: Nós conversamos com ele, levamos ele lá pra conhecer, e, lá mesmo ele decidiu ficar, fez a carta lá mesmo e deu entrada

Encontramos uma contradição entre a fala do *Egresso 4* com sua família, pois enquanto ela afirma que dessa vez foi ele que pediu ajuda, ele, quando

entrevistado disse o contrário: “não foi também eu que pedi né, eles que me ofereceram, como eu vi que seria bom pra mim eu resolvi aceitar” (Egresso 4).

Na verdade, o que se percebe nas respostas é que a família precisa insistir no oferecimento para conseguir convencê-los a aceitar o tratamento, o que se coaduna com as referências de Kalina (2001) sobre o adicto, quando ele diz que geralmente é a família que o leva ao tratamento, pois dificilmente ele busca ajuda.

Motivo da escolha da família pela FE

Os motivos declarados apresentaram similaridade na indicação: as famílias 1 e 4 conheceram pessoas que já haviam se recuperado na FE; as famílias 2, 3 e 5 souberam do trabalho através de voluntários que visitaram e atuavam na FE.

- ✓ Família 1: “(...) conheci pessoas que já tinham se recuperado. Quando ele me pediu ajuda aí foi quando eu procurei a Fazenda e levei ele”.
- ✓ Família 2: “Foi através da dona Alice (...)”.¹³
- ✓ Família 3: “O motivo não sei nem te dizer porque quem levou ele lá foi o padre...(...)”.
- ✓ Família 4: “Olha na realidade foi através do Y, filho do Sr. X e da dona Z. (...)”
- ✓ Família 5-A: “Eu já tinha ouvido falar e meu irmão participava do movimento Folclare que sempre iam lá, conheciam o pessoal de lá e nós levamos ele lá”.

Reclamações do egresso durante a permanência na FE

Segundo o relato dos familiares, os problemas apresentados coincidem com a maior dificuldade identificada pelos adictos com relação a sua adaptação na FE, a *convivência*. Suas reclamações também coincidiram com o pedido de adaptação, em que ainda estão travando luta interna para vencer a abstinência, para se adaptar às normas da FE e para permanecer no tratamento. Com a irritabilidade aflorada e a ansiedade acirrada, ele aceita provocações, provoca, se envolve em confusões e/ou brigas.

- ✓ Família 3: Não ele reclamou só de um rapaz que implicou lá com ele, ele queria bater no rapaz, mas bateu na consciência dele, e ele se aquietou e foi rezar o terço e não quis mais brigar com ninguém.
- ✓ Família 5 – B: Teve um problema lá. Ele veio e aqui ele ainda dormiu uma noite aqui, ele veio com uma versão lá de um rapaz (...). Houve a agressão desse rapaz, ele defendeu o rapaz, então ele veio pra cá, ele falou com Dom Mário e no outro dia levou ele e ficou até o final.

¹³ Alice é uma voluntária da FE.

Para ultrapassarem esta fase de adaptação eles contam com o desenvolvimento da espiritualidade, que é muito forte na FE, como também com o carisma de “viver em unidade”, já praticando o amor ao outro e sua aceitação como é, mesmo sendo diferente. Os que conseguem permanecer geralmente não apresentam mais problemas e deixam de “ver” problemas, passando a vivenciar o tratamento, a resgatar sua dignidade e, conseqüentemente, a perseguir sua meta de recuperação.

Kalina (2001) chama esta fase de “desdrograr-se”, em outras palavras “aprender a viver sem drogas”, e se refere a esta fase como difícil, pela própria fragilidade do ego do adicto que carece de paciência, tolerância, não sabe esperar e não tolera conviver com frustrações e ansiedade. Na leitura do autor, ele quer se curar, mas sem aceitar limitações e/ou mudanças em suas atitudes queixando-se, inclusive, pelos cuidados recebidos, e completa: “Seu ideal de tratamento é que os deixem fazer o que querem”, portanto, vão resistir a qualquer medida que os deixem vulneráveis e tentar burlá-la e até mesmo sabotá-la, se utilizando de estratégias altamente sofisticadas para isso. O autor alerta que muitos adictos conseguem envolver seus familiares nesse processo e esses, mesmo anteriormente alertados, sucumbem e se tornam cúmplices, dando guarida à manipulação de seus parentes.

- ✓ Família 2: No começo ele batia de frente com o padre Anderson queria até mudar o estilo da Fazenda, você sabe como ele é. Ele queria até mudar a Fazenda, ele reclamava de tudo, a ficha dele veio mesmo cair depois de seis meses quando ele tava lá.
- ✓ Família 4: (...) ele falava que a internação era muito difícil né, convivência entre eles lá era muito difícil, então tinha uns que brigavam, teve até uma vez que eles brigaram.

Atividades (visitas, reuniões, festas) que a família participa durante a internação

As respostas indicam que todas as famílias participaram das visitas, reuniões da FE e dos GEV, embora em proporções diferentes: uns foram a todas as atividades inerentes às famílias; outros só iam às visitas e não ao GEV; uns participaram apenas enquanto o seu parente estava internado; mas a grande maioria continuou participando.

- ✓ Família 3: Sim, eu sempre participei, eu não ia muito pra Esperança Viva né que era lá no centro, era muito dificultoso pra mim porque eu trabalhava né, (...) aí pras visitas na Fazenda eu ia.
- ✓ Família 5-A: Sim, todo 1º domingo a gente ia lá.
- ✓ Família 5-A: Na Esperança Viva não, lá eu nunca fui não, (...).

A importância desse acompanhamento e dessa participação pela família é corroborada por vários autores que pesquisaram sobre o assunto, como: Orth (2005); Matos (2008), Seadi (2007) dentre outros. Para eles a influência existente entre a família e seus membros familiares é tão forte que no caso do adicto o envolvimento da família no seu processo de recuperação é imprescindível, por ser ela seu esteio e seu elo de ligação com o mundo.

Ao vivenciar esta experiência na FE, pudemos perceber o quanto significa para eles a participação da família. A expectativa das visitas é repleta de ansiedade; de tensão; de noite mal dormida; que se refletem na hora que se levantam; na forma como se vestem e se preparam; na alegria e alívio que demonstram com a chegada dos familiares; no nervosismo e medo que apresentam quando a família atrasa; e na decepção e frustração percebida no semblante deles quando a família não comparece. Por vezes essa ausência, principalmente na primeira visita, é sinônimo de desistência por parte deles. O não comparecimento da família nos GEV e nas visitas provoca neles interpretações do tipo: *deixaram-me aqui e não querem mais saber de mim; não me perdoaram; já me esqueceram;* dentre outros. Na cabeça deles, cheia de insegurança, incertezas e culpabilidade, não há espaço para pensarem outros motivos que podem ter impedido a participação de seus familiares.

Essa importância, obviamente, também se estende à família, posto que se ela não absorver as mudanças pelas quais seu ente familiar estar passando e não se preparar para recebê-lo de volta, não saberá como lidar com ele e certamente não conseguirá ajudá-lo.

- ✓ Família 2: (...) Eu nunca parei de participar porque eu me fortaleci, porque nessa recaída, se eu não tivesse me fortalecido nisso aí, na reunião, no grupo, eu não tinha sabido resolver não, mas como eu já tava há quatro anos caminhando, essa recaída eu soube lidar bem mesmo com ele.

Outro fator interessante percebido se refere ao entendimento de que o tratamento não se conclui com a saída do seu familiar da FE, mas que é de suma

importância que continuem participando dos grupos de ajuda e perseverando na busca contínua de alternativas para conviver com o egresso que luta contra a doença e mantê-la sobre controle:

- ✓ Família 1: Até hoje eu participo, a minha caminhada nunca acaba, nunca, nem a minha e nem a dele. Eu continuo, vou pra todas as reuniões até hoje e vou sempre até para as visitas.
- ✓ Família 4: Vai fazer três anos que ele saiu da Fazenda e até hoje nós tamos frequentando, vamos todo primeiro domingo do mês, nós participamos da sopa que a Esperança Viva faz né. No terceiro domingo e nós vamos lá, nós estamos engajados... como a gente fala a gente não pretende mais sair. Eu penso assim... Eu falo pra ele, eu vou te ajudar até onde você quiser ajuda eu te ajudo, mas se um dia tu voltar a usar droga assim, não vai ser só tu pra gente te ajudar, agora tem várias pessoas, nosso trabalho é lá mesmo, então o que a gente puder ajudar...

A família e as cartas recebidas

Na experiência vivenciada na FE, observamos os efeitos provocados pelo recebimento das cartas, ou a falta delas nos internos. Nos dias marcados para a chegada das encomendas, a ansiedade deles era notória e quando o carro se aproximava da instituição, a pergunta era única: “tem carta para mim?” Se a resposta fosse positiva, o sorriso era imediato, mas a negação provocava uma reação imediata de frustração, de tristeza, que era difícil conter e não adiantava tentar contornar, pois nenhum argumento era bom o suficiente para reverter à situação. Para eles funcionava como se eles estivessem cumprindo a parte deles, de “desdrograr-se”, mas se esse esforço não estivesse sendo percebido pela família, perdia a razão de ser e de continuar.

Essas experiências impulsionavam a reforçar sempre para as famílias a importância de não deixarem as cartas sem resposta e o cuidado que deveriam ter também quanto ao seu conteúdo.

- ✓ Família 1: Toda semana a gente mandava carta pra ele, ia deixar carta pra ele lá na Glória, a gente inventava qualquer assunto pra escrever pra não deixar ele na mão.
- ✓ Família 2: (...) Uma vez ele escreveu uma carta, eu ri muito dele, dizendo pra mim assim: Mãe, me manda uma sandália Kenner, se tu não mandar eu vou me embora. É, chantagem, a senhora já conhece. Eu disse assim, fulano compra uma Havaiana e manda, uma havaiana branca pra dar trabalho pra ele lavar. Se você sair meu amigo, aqui em casa eu não lhe quero não, eu botei pesado mesmo.

Os familiares 1 e 2 declararam ter respondido as cartas convictos de sua importância e outros (3,4,5) de forma eventual e sem demonstrar a percepção da relevância das mesmas.

- ✓ Família 3: Algumas, ele até reclamava que eu não respondia, porque eu não tinha tempo, ele ficava até com raiva.
- ✓ Família 4: (...) eu não respondi todas às vezes não, ele mandava mais do que eu mandava pra ele.
- ✓ Família 5-A: Sim, às vezes a gente ia deixar lá na cúria.

Na leitura de Landre (2004), a família tem parte fundamental na motivação para o tratamento e para a recuperação do seu adicto, tal a importância de um para o outro. Diamond & Josephson (2005) reforçam que este engajamento familiar contribui sobremaneira para a sua permanência e adesão ao tratamento.

Mudanças percebidas pela família durante o tratamento

Todas as famílias afirmaram a percepção de mudanças nos seus entes adictos durante o tratamento e para alguns desde a primeira visita.

- ✓ Família 1: Percebi, logo nas primeiras visitas eu percebi completamente a mudança, ele estava mais compreensivo, mais atencioso, mais amável, eu percebi logo a mudança.
- ✓ Família 3: Notei, demais. O amor que ele nunca mostrou pra mim, quando eu cheguei lá ele me abraçou demais, falava coisa assim que nunca tinha falado aqui fora, que me amava, que nunca mais ia me trair, coisas assim, coisas que ele nunca tinha feito aqui fora, foi dizer que me amava.

As mudanças percebidas pela família foram de cunho comportamental e originadas não apenas por estarem livres das drogas, mas principalmente pelo surgimento de um “homem novo”.

- ✓ Família 2: Muitas, principalmente depois dos seis meses, que como já disse, foi quando ele veio entender o que era a Fazenda e todas foram pra melhor. Ele passou a caminhar melhor, passou a fazer planos e é isso.
- ✓ Família 4: Bastante.(...) Mais carinhoso, mais carinhoso, ele queria saber de todo mundo, se importava com todo mundo, ele queria ver todo mundo, só que não podia ir todo mundo, mais carinhoso.
- ✓ Família 5-A: Ele tava muito alegre, assim, mais calmo né, gostava muito dos amigos, das amizades que ele fez lá...

Afinal, a pessoa que haviam deixado na FE, debilitada, apática, isolada socialmente, desprovida de amor próprio, sentimentos, solidariedade, valores, segundo os familiares, em nada se assemelhava a que estavam reencontrando, de

“cara limpa”, semblante sereno, fisicamente reconstituído, cheio de emoção, de sentimento positivo, de demonstração de carinho, atencioso, alegre, solidário e interagindo bem com eles. Essas considerações parecem marcar a diferença entre a FE e uma clínica de tratamento. Zanom (2008) aponta a de que a FE consegue compreender que o problema maior da vida dos adictos não é a droga, mas os diversos outros motivos presentes no cotidiano, para cujo enfrentamento recorrem às drogas. Daí sua proposta de lutar pelo resgate da dignidade humana esquecida pelo vício e fazer renascer um “homem novo”, com base no amor concreto, voltado para Deus e para o outro, como diz Santos (2010), que completa “Os jovens entendem que o segredo da recuperação está na prática do amor, no fazer ‘atos de amor’”.

Últimas visitas familiares, o que a família ouvia do seu parente com relação a sua saída

Pelas respostas dos familiares se apreende que o foco dos projetos pós-tratamento dos seus parentes eram bem ecléticos: os egressos de 1 a 4 demonstravam receio de sair:

- ✓ Família 1: (...) ele ficava um pouco assim com medo de enfrentar o mundo aqui fora, ele dizia assim: mamãe eu quero ir mais eu tô com medo de ir.
- ✓ Família 4: (...) Ele falava isso que ele ia se doar por mais um ano pra Fazenda e foi o que ele fez né, ficou mais um ano e não queria sair, ele achava que ele não tava preparado, falou que queria ficar mais um pouco.

O egresso 2 se mostrava eufórico para sair e ajudar os outros:

- ✓ Família 2: É aquilo que eu tava te falando, ele falava muito que ia ajudar quando saísse, quando ele saiu mesmo que entrou no grupo do GEV com a dona Y, no ágape ele ajuda, ele é muito bom de ajudar os outros, isso aí pra ele é... ele foi assim uma experiência muito boa na nossa vida até pra ajudar a nós mesmo lá em casa, sabe? A gente vai aprendendo, a gente aprende com ele, ele aprende com a gente, e nisso a gente vai mesmo caminhando junto.

O egresso 3, embora tenha dito que saiu com vontade de beber, para a sua companheira fez planos de casamento e de aquisição de patrimônio familiar (casa, carro, etc.):

- ✓ Família 3: (...) O que ele falava pra mim é que a gente ia comprar uma casa, esta aqui que você tá vendo. (...) que a gente ia ter nosso carrinho mesmo velho, mas a gente ia ter, que ia se casar comigo, aí se passou 4, 6 anos e em 2009 é que a gente veio casar. Os planos se concretizaram. E, ainda estão se concretizando se Deus quiser.

E o egresso 5 também tinha planos de trabalhar e recuperar financeiramente o que tinha perdido:

- ✓ Família 5 – B: Ele tava muito cheio de planos e muito alegre, saiu bem de lá. Sim, ele saiu pra vim trabalhar né, ele pegou um emprego, mas não era um bom emprego, porque ele trabalhava com bebida e acabou recaindo, por isso a recaída dele.

Como já indicado anteriormente ao analisar as respostas dos egressos para esse mesmo questionamento, apenas dois estabeleceram um projeto de vida na FE e o respeitaram fora de seu âmbito, e os demais não conseguiram superar as dificuldades inerentes a esse processo de reinserção e desistiram.

Para Landre (2001) este processo de reinserção social do adicto provoca nele reações como: insegurança, medo do desconhecido, ansiedade, euforia, etc., que se não forem trabalhadas por uma equipe de apoio, pela família, se constituem em impeditivos de sucesso de sua recuperação..

A família procurou algum tipo de ajuda para se preparar para o retorno de seu parente

Com exceção da Família 4, que deu uma interpretação equivocada à questão, e da família 5 que evidenciou não ter tido nenhum tipo de preparo, as demais informaram ter encontrado na própria FE através de sua equipe técnica, seus grupos de apoio, suas palestras, etc.

- ✓ Família 1: A gente tinha as entrevistas, tinha as palestras com as psicólogas e assistente social lá no Esperança Viva. Eu me preparei, eu agora sou uma outra pessoa até porque a gente já procura até ajudar os outros.
- ✓ Família 2: Procuramos, é por isso que ninguém se afastou do Esperança Viva, nós ficamos assim muito unidos. (...) nesse grupo do Esperança Viva, eu entrei até no cenáculo aqui no Dom Pedro, (...).
- ✓ Família 4: Ajuda foi na própria Fazenda mesmo, a gente tá participando, de a gente ir pro grupo, na própria Fazenda mesmo.

Como já dito anteriormente, o retorno ao convívio familiar é um momento crítico para o egresso devido, principalmente, à fragilização que o seu ego apresenta para lidar com enfrentamentos (KALINA e FICHTNER, 1999). Além disso, ele vai retornar para uma realidade à qual, por não conseguir enfrentar, o levou às drogas e após passar um ano vivenciando um outro tipo de vida

totalmente diferente, este retorno gera um confronto inevitável e para o qual vão precisar estar preparados: egresso e familiares.

É visível a diferença do acompanhamento do adicto no seu retorno para a casa, entre os que participaram do GEV e atividades da FE e os que só participaram das visitas. Infelizmente ainda se identifica que essa participação nos GEV, em alguns casos, era restrita a apenas uma ou duas pessoas da família, quando o ideal e necessário seria a participação de todos, para que houvesse um alinhamento familiar.

Landre (2001) reforça essa necessidade quando disserta sobre a importância que tem a família para o adicto, que precisa se sentir apoiado nesse momento repleto de medo e insegurança para ele, além de se sentir pertencendo ao seu grupo familiar gerando a confiança e certeza de que vai ter ajuda nas dificuldades que precisará enfrentar nessa difícil fase de transição.

Expectativas da família para a saída do seu parente

Para as famílias, com exceção da família 2 – que afirma não ter esperado que seu parente viesse um santo -, percebe-se nas demais respostas que as expectativas criadas foram todas de que seus entes jamais retornariam para as drogas. É evidente também em suas respostas, que essas expectativas foram substituída pelo sentimento de frustração quando eles recaíram.

- ✓ Família 1: As expectativas eram muito boas, ele saiu forte, bem. Só que infelizmente, logo no começo ele recaiu, foi muito complicado, muito sofrido, parece que a recaída era maior...
- ✓ Família 2: (...) Eu não criei nenhuma expectativa, que ele vinha um santo, não, eu tratei ele normal, eu só esqueci que ele usou drogas, (...) eu confiei nele, ele recaiu, se recuperou de novo e, eu continuo confiando nele.
- ✓ Família 3: Expectativa tinha muitas né, tinha muitas mesmo.(...) eu sempre sonhei em ter uma casa com ele, em casar com ele, se realizou sim.
- ✓ Família 4: Era de muita mudança né, era de muita mudança e até o momento não foi geral, né, mas foi pouco né as mudanças nele, pouco mesmo.(...) Quando ele voltou ele voltou muito bom, muito bem mesmo, mas assim, a minha irmã fala assim.. (...) que ele queria tipo assim... correr atrás do que ele não teve, (...).
- ✓ Família 5 –B: Nós ficamos esperançosos que ele... É, mas aí houve essa recaída (...).

As frustrações percebidas nos remetem novamente à importância e necessidade do preparo por parte da família, para saber lidar com seu adicto por ocasião da sua saída, principalmente para tentar ajudá-lo a permanecer sóbrio e evitar a recaída. Para isso, precisará do engajamento de todos os membros para unidos contribuírem com a recuperação do seu parente, acompanhando suas mudanças; procurando precisar se o ambiente familiar está favorecendo a sua reintegração com a família; entendendo que a doença do seu adicto não tem cura, portanto, os cuidados são contínuos; motivando-o a dar seguimento à vida que aprendeu na FE e se possível, acompanhando-o; ficando atento aos sinais de recaída para fortalecê-lo nesse momento de vulnerabilidade e desviar o foco para direções mais saudáveis.

O exposto acima corrobora a leitura feita por autores como Orth (2005), Costa (2000). Matos (2008), Tavares et al (2008), dentre outros, da impossibilidade de tratar o adicto, seja qual for o tipo de tratamento a que ele for submetido, sem a participação efetiva de seu círculo familiar, objetivando, inclusive, fornecer à família os instrumentos necessários para que saiba como lidar com o seu drogadicto, “auxiliando-a a resgatar relações familiares que sustentem o desenvolvimento de ações que promovam a saúde e por consequência, a qualidade de vida das mesmas” (Orth, 2005).

Na leitura da FE, oferecer somente a libertação das drogas seria muito pouco, como diz Santos (2010). Para ele, os pais esperam muito da FE, em razão, inclusive, de todo o sofrimento que passaram e os filhos, *idem*, entram na FE “construindo castelos no ar” achando que só passar pela FE já vai curá-los para sempre. Na maioria das vezes entram convencidos pela família, na qual motivam seu tratamento cujo foco é sempre voltado para a reconquista de pessoas, de coisas perdidas, etc. (Santos, 2010). Para ele, mais do que oferecer a libertação das drogas, a FE “precisa oferecer um caminho para chegar a Deus, capaz de não somente libertar de todos os vícios, mas de dar sentido para toda a vida, (...), dar força para enfrentar todos os desafios da vida, do mundo, da sociedade difícil em que vivemos hoje. (...) (Santos, 2010, p. 234).

Dificuldades sentidas pela família quando do retorno do seu parente

As dificuldades relatadas sob o foco dado por cada família: a família 1 reclamou do retorno dele para as velhas amizades:

- ✓ Família 1: Voltou pras mesmas amizades, e eu sempre conversando, chegava de noite eu chamava ele, conversava, mas ele voltou pras mesmas amizades, por isso que aconteceu o que aconteceu, voltou pras mesmas amizades.

A família 2 trata como dificuldade o que na verdade se constitui numa mudança comportamental dele que, pelo próprio relato dela, influenciou positivamente na família toda:

- ✓ Família 2: As dificuldades foi assim, porque na fazenda tu sabe né tem um processo muito especial, tipo assim, comer na mesa, a oração, isso aí nós num tava fazendo, tava se perdendo, a gente se perde mesmo, isso aí ele começou a organizar tudo, aí foi diferente né, porque quando as minhas irmãs chegavam aqui pra almoçar, tinha todo mundo que sentar da mesa de blusa, (...), quantas vezes eu comia olhando pra televisão, (...), a mesa já não tinha sentido, acho até que a mesa já tinha aranha por cima porque ninguém sentava na mesa, mas quando ele voltou isso aí resgatou, foi resgatando tudo isso, porque as coisas pequenas que a gente acha e é grande né, é importante, hoje a gente senta pra discutir nossos assuntos, as coisas importantes, a gente senta na mesa para discutir nossos problemas, a gente senta, lê uma partilha, vai falando o que quer e aí pronto.

No caso da família 3, percebe-se que a dificuldade relatada não tinha origem nele, mas da sogra, cujo preconceito impedia de acreditar em sua recuperação:

- ✓ Família 3: Senti demais, demais mesmo, porque eu morava na casa da minha mãe e minha mãe não aceitava ele de jeito nenhum, porque ela dizia pra mim que pau que nasce torto nunca se endireita né, ela sempre falou isso pra mim, ela nunca aceitou ele. Ele ficou dormindo lá na casinha que eu morava que era da minha mãe, mas ela nunca aceitava, era todo dia com raiva de mim, até que ela foi vendo que ele tava mudado, ela foi, foi. Tai, hoje ela gosta dele como se fosse um filho.

A família 4 manifestou apenas medo e insegurança de uma recaída:

- ✓ Família 4: Eu, eu vou falar por mim... eu sentia um medo né dele voltar, dele voltar a usar drogas...É, insegurança, acho que não era nem dificuldades, era mais insegurança.

E a família 5 tinha como foco de sua preocupação a independência financeira de seu parente:

- ✓ Família 5 – B: Justamente arranjar uma atividade pra ele que desse pra ele ficar independente desse negócio, (...), tava ruim de arrumar trabalho e...

No que diz respeito aos egressos, as dificuldades sentidas pelas famílias foram basicamente o medo da recaída e a inserção no mercado de trabalho, ambas totalmente dentro do contexto e difíceis de lidar.

Quanto as dificuldade de inserção no mercado de trabalho, esta é real e tem sua origem primeiramente no preconceito da sociedade que não acredita na sua recuperação e termina por inibir suas chances. Por outro lado, ao se deixar dominar pelas drogas, o adicto abandona os estudos, o emprego, seus vínculos, etc., e passa a viver num submundo que não lhe permite acompanhar a evolução do mercado e, com isso, perde totalmente o alinhamento de suas competências, condição imprescindível para quem disputa uma vaga no mercado de trabalho. A desqualificação, promovida pela distância do mercado de trabalho termina por deixá-lo à margem desse mercado, gerando nele a insegurança, falta de perspectivas de futuro e sem pertencimento, ou como diz Escorel (1999) “(...) está sem lugar no mundo”.

Para sobreviver ele aceita qualquer tipo de trabalho, geralmente no mercado informal e se submete a “uma existência limitada à sobrevivência singular e diária” (Escorel, 1999).

- ✓ Família 3: (...) Começou a trabalhar dirigindo Kombi, aí isso aí foi levando ele, ele trabalhava na zona leste, entrava em buraco que só tinha aquelas coisas ruins, isso que desencaminhou ele.
- ✓ Família 5-A: Só arrumava trabalho pesado.
- ✓ Família 5 –B: Ele arranjava trabalho de caminhão, mas ele não agüentava e aí ele também ele não tinha um emprego assim, era quando pegavam carga, pegavam ele pra fazer aqueles trabalhos e ele não tava se dando bem, então eu convidei ele pra gente começar a fazer vassoura. (...)

No caso do adicto, que precisa evitar as pressões e se abster de freqüentar os lugares facilitadores de repasse de drogas, para evitar a recaída, esses tipos de trabalho, se ele não tiver muito seguro e bem assistido, funcionará como porta aberta para a recaída.

O egresso conseguiu, tentou, colocar em prática algo que havia planejado para a sua nova vida

As respostas dos familiares coincidiram com a dos seus egressos para o mesmo item, com exceção da família 3 que se confundiu e entrou em contradição com a resposta já dada, onde ela afirma que os planos que ele fez, enquanto ainda

na instituição, se concretizaram: o casamento, a casa e o carro, o que não ocorreu. Assim, como já dito nas entrevistas com os egressos, dois deles (egressos 2 e 3) conseguiram colocar em prática seus planos, enquanto os outros três (1, 4 e 5) fizeram pequenas tentativas, mas desistiram em seguida. No caso do egresso 1, a mãe diz achar que sim, mas ela se refere não ao período anterior que é o foco da nossa pesquisa, mas à fase atual, pós recaída e pós nova passagem pela FE.

- ✓ Família 1: Agora eu acho que ele já... agora ele já não é mais aquele Egresso 1 velho. Já me ajuda bastante, quando ele trabalhou nas eleições me ajudou bastante, qualquer trabalho que ele faz me ajuda. Já não é mais aquele Egresso 1.
- ✓ Família 2: Tá colocando, tá colocando mesmo que eu até me espantei com ele. Essa recaída dele, parece que tava precisando de um eixo, de alguma coisa, sacudiu ele, e agora ele tá assim cheio de plano e tá colocando as coisas dele avante, (...), então os planos dele graças a Deus tá indo bem.
- ✓ Família 3: Ele não colocou muito em prática, porque no começo eu fiquei meio assim com o pé atrás com ele, mais aí foi assim melhorando, melhorando e eu fui caminhando junto com ele.
- ✓ Família 4: Ele ficou um ano né, ele conseguiu ficar um ano fora, ele fez isso conseguiu ficar um ano fora, ele pretende entrar numa faculdade que ele ainda não conseguiu até agora, é isso que ele pretende fazer, ir pra uma faculdade.
- ✓ Família 5-A: Eu acho que sim, ele tentou sim. Principalmente no começo eles se reuniam pra fazer oração do terço, estava mais ligado, depois a gente vai se afastando mesmo, mas de trabalho, ele tava interessado mesmo em conseguir, agora passou muitas coisas, pois só arranjava coisas ruins né.

Fazer planos, sonhar, é muito mais fácil que colocá-los em prática, pois para isso precisa perseguir seu objetivo/meta com persistência, disciplina, limites, paciência, calma, atitudes que não condizem com o perfil do adicto, que ao contrário, como diz Kalina (2001), é impaciente, gosta de viver sem limites, é ansioso, vive um presentismo absoluto se negando a pensar em futuro, e não persevera. Assim, se justifica a não concretização dos sonhos e planos efetuados quando ainda estavam internados.

Tempo de sobriedade depois de saída da FE

O tempo informado pelos familiares nem sempre coincidiu com o tempo declarado pelos egressos, mas isso se justifica devido a duração da recaída nem sempre ser a mesma em que a família percebe ou descobre essa situação.

A família 1 não tem precisão de tempo mas lembra que foi logo (três meses segundo o egresso 1):

- ✓ Família 1: Eu não tenho uma base assim, mas ele caiu logo, ele não demorou muito tempo assim não.

A família 2 fala em três anos e sete meses, mas o egresso 2 confirma 2 anos e 8 meses:

- ✓ Família 2: Ele passou 3 anos e 7 meses, essa recaída foi cruel porque eu não esperava, mas...

No caso da família 3 que indicou seis meses, diferiu do egresso 3 que informou 8 meses:

- ✓ Família 3: Ah, ele passou seis meses, aí depois veio à recaída.

A família 4 deu a mesma informação do egresso: seis meses, e a família 5 não fala em prazos e diz que só de vez em quando seu egresso recaí, mas ele contabilizou três meses:

- ✓ Família 4: Olha, sinceramente, não sei te dizer realmente, uns seis meses, uns seis, sete meses mais ou menos.
- ✓ Família 5- A: Acho que é só de vez em quando que ele dá uma recaída, mas normalmente ele ficava sóbrio, quando ele tava muito perturbado com algum problema assim ele...

Como já dito na análise das entrevistas dos egressos, para diversos autores, a recaída faz parte do processo de recuperação e para muitos adictos se torna necessária. (Landre, 2001; Álvarez, 2007).

Percepção de sintomas de recaída

Todas as famílias disseram ter percebido os sintomas de recaída apresentados pelos seus egressos:

- ✓ Família 1: Sim, ele começou a trabalhar, logo, (...) e quando começou não querendo ir, eu percebi logo, ele abandonou o emprego, eu percebi logo.
- ✓ Família 2: Percebi, percebi e não quis acreditar de novo, entendeu, eu dizia não é ele. (...)
- ✓ Família 3: Na hora, na hora.
- ✓ Família 4: O primeiro sintoma assim que eu achava assim é a bebida, que ele começou a beber... ele começou a beber..
- ✓ Família 5-B: Deu pra perceber porque ele chegou tarde, sereno, mas ele escondia muito, ela saía do restaurante meia-noite, duas horas da madrugada, então ele vinha pra

casa,(...) e paravam pra tomar uma cerveja lá até que ele acabou tomando uma cerveja com ela e daí começou.

Aspectos facilitadores de recaída

A leitura dos familiares quanto aos motivos da recaída coincidem com as de autores como Kalina (2001) que refere a bebida como a causa mais comum para a recaída, independentemente de ser esta o foco do seu vício, vejamos:

- ✓ Família 4: O fato de ter começado a beber em festas.
- ✓ Família 5 –B: O meio que ele tava, com bebida.

No caso da família 1, apesar de ela não ter citado a bebida, na entrevista dele ele acusa veementemente a única latinha de cerveja que tomou como pivô de sua recaída, mas como a sua família, também faz referência ao local onde estava e com quem estava. Assim, sua família tem razão em imputar a recaída de seu egresso ao retorno às velhas amizades, pois como bem posto por Landre (2001), é muito importante que neste processo de reinserção social o adicto saiba mudar seu estilo de vida, ou seja, não retornar as velhas companhias; não frequentar os mesmos lugares de antes e saber identificar as situações de riscos, que incluem lugares, pessoas, hábitos, etc., o que não foi feito pelos egressos das famílias abaixo:

- ✓ Família 1: Acho que foi mesmo as amizades que ele procurou, porque em casa eu fazia tudo, acho que foram as amizades. Ele falou que foi uma garota... eu não posso afirmar...Não tenho certeza.
- ✓ Família 2: (...) sabe qual foi o problema do Egresso 2, (...) foi problema de mulher, (...) aí ele se envolveu muito mesmo, se envolveu com uma mulher casada e esse foi o fim.
- ✓ Família 3: (...). Começou a trabalhar dirigindo Kombi, aí isso aí foi levando ele, ele trabalhava na zona leste, entrava em buraco que só tinha aquelas coisas ruins, isso que desencaminhou ele.

Atitude da família ante a constatação da recaída

As atitudes tomadas pelos familiares ao se depararem com a recaída dos seus entes adictos foram praticamente as mesmas: sofrimento, impulso de desistir, de abandoná-lo à própria sorte, mas principalmente conversar com ele, muita oração e ajuda para se reerguer:

- ✓ Família 1: (...), a atitude do pai foi conversar, pois na primeira vez o pai foi contra, mas agora começou a entender. A atitude foi a gente conversar muito com ele, dando conselhos pra ele... E, se fortaleceu né.
- ✓ Família 2: (...) Mas meu primeiro impacto assim foi abandonar mesmo ele, eu digo assim, eu não vou mais sofrer, porque tu sabe a primeira vez o que eu passei, eu fiquei doente, tive um aneurisma, mas aí agora dessa vez eu disse não vou mais ficar doente por causa disso, eu não vou ficar mesmo, vou seguir.
- ✓ Família 3: Ai, eu chorei demais, eu disse que ia deixar ele (...). Mas aí eu pensei em separar, mas eu sempre ali rezando, (...)
- ✓ Família 4: Ai, eu fiquei muito arrasada, eu fiquei muito arrasada, (...) Pois é foi de decepção mesmo. (...) eu peguei ele e levei ele de volta pra casa dele né, (...) Várias vezes... a gente conversa muito, eu e meu marido somos o que conversamos mais com ele, puxamos mesmo a orelha dele...
- ✓ Família 5-B: Dar conselhos, mostrar o caminho, isso foi muito difícil.

A recaída é o temor de toda família e para o adicto é também um sofrimento, pois ele, que já se achava invulnerável, volta a se deparar com a sua fraqueza e se considera um fracassado por não ter conseguido resistir. Na família, funciona como um *replay* e ela não acredita que está vivendo tudo de novo e fica difícil o entendimento que talvez ele precise passar por isso para se reerguer mais fortalecido rumo a sua recuperação (Álvarez, 2007; Landre, 2001).

Gikovate (2004) reforça que é preciso muita paciência, tolerância e companheirismo para ajudar o adicto, pois como diz Tiba (2007) “apenas o início do uso de drogas depende da vontade do indivíduo porque depois do uso inicial, quem passa a ter o comando é a química dos neurotransmissores”.

A contribuição da família para a sobriedade

Essa contribuição elencada pelas famílias corresponde à paciência, tolerância e companheirismo difundidos por Gikovate (2001), assim como à compreensão sobre a recaída citada por Landre (2001) e outros. Como se pode intuir pelos depoimentos abaixo, nenhuma família deixou de perseverar na ajuda ao seu parente; de rezar; de continuar buscando ajuda e se fortalecer; de acompanhar, e, principalmente, nenhuma família desistiu.

- ✓ Família 1: Continuo participando das reuniões, da visita sou uma voluntária que não sou praticante, porque tem uma mãe doente, um filho deficiente, mas quando posso vou lá, vendo agenda, faço tudo assim pra ajudar.
- ✓ Família 2: A maior contribuição da minha família? Foi ter me acompanhado junto com ele, foi tá lá na Fazenda, carta, foi amor mesmo que a minha irmã teve, isso foi fundamental mesmo na vida dele. E, a minha neta, essa menina foi tudo assim na vida dele, (...) ela foi assim um eixo pra recuperação dele, (...)
- ✓ Família 3: Acho que é só procurando Jesus, só isso, indo pra igreja, acompanhando ele também, tudo isso.

- ✓ Família 4: (...) eu falo pela minha família, entendeu? Eu acho que sim, tá cobrando, tá mostrando... (...) Eu sempre falo pra minha mãe, a gente não pode desistir nunca, a gente tem que estar em cima, tem sempre que estar atrás, correndo...
- ✓ Família 5-B: O que a gente pode fazer por ele a gente faz por ele, eu ajudo aqui quando ele tem um problema...

Outros aspectos

- ✓ Família 1: Acrescentar que a Fazenda da Esperança abriu as portas pra mim viver, por que... eu até me emociono... (...), devo tudo à Fazenda da Esperança, a Família da Esperança é tudo pra mim, é minha segunda família. (...) Eu nunca vou desistir continuo nessa minha caminhada, frequento o grupo de orações (...) eu não vou parar não enquanto eu tiver viva (...) minha caminhada vai continuar se fortalecendo. Ele está lá ajudando esses dias, um dia desses saiu daqui dez e meia com um rapaz para levar pra lá, ele já está procurando ajudar outras pessoas. Do que depender pra Fazenda eu to aqui qualquer dia, qualquer hora, do que depender em termos de Fazenda da Esperança eu to aqui pra ajudar...
- ✓ Família 2: (...) O que eu acrescento assim pra nós mães né, é que a gente tem que acompanhar todos os grupos, todas as reuniões ficar acompanhando a Fazenda assim do começo mesmo e se entrosar mesmo, que tu sabe como lidar com o problema, se a gente se afastar... quantas mães que eu vejo o filho recair e elas estão sem chão. (...) qualquer coisa assim relacionada à Fazenda a senhora sabe que pode achar o apoio de nós assim quando a senhora precisar.
- ✓ Família 4: (...) a gente não pode desistir nunca né, desistir nunca mesmo, é como eu te falei se ele não quiser ajuda assim, a gente vai continuar oferecendo ajuda, a gente vai continuar oferecendo ajuda até quando a gente puder, a minha mãe mora hoje em Boa Vista, ela é engajada na Fazenda de Boa Vista, antigamente ela falava se ele recair ela não queria saber mais dele, só que hoje em dia ela pensa diferente.(...)

Nessas declarações espontâneas dos familiares, eles ressaltaram: sobre a importância da FE na vida deles (família 1); as palestras e a participação nas reuniões do GEV fizeram toda a diferença para eles (família 2); como a espiritualidade passou a fazer parte da fala deles (família 3); como um envolvimento maior com a FE mudou o pensamento da família 4; e, finalmente, como é difícil para a família dizer “não” e como terminam sucumbindo à pressão de seu adicto (família 5).

- ✓ Família 3: Eu queria acrescentar é que Deus sempre ajude a gente, dizer que eu amo muito ele também e que a gente possa construir mais e mais.
- ✓ Família 5-A: Tem uma coisa aí: no ano passado ele teve mais uma recaída, (...) e já apareceu aqui de madrugada querendo dinheiro, querendo dinheiro pra usar drogas. Ai foi um escarcéu, era o papai, era o meu irmão e eu tentando convencer, mas não tinha quem fizesse. Aí fiquei bem meia hora a gente tentando convencer ele, aí ah! quer saber de uma coisa, dei os 10,00 reais que ele queria ele foi embora e ele voltou mais tarde sereno, caiu aí e dormiu.

É importante ressaltar que novamente o amor prevalece em todas as falas dos familiares, mesmo que nas mais diversas formas: *amor pela FE* (famílias 1 e 2):

- ✓ Família 1: (...), devo tudo à Fazenda da Esperança, a Família da Esperança é tudo pra mim, é minha segunda família. (...)
- ✓ Família 2: (...) qualquer coisa assim relacionada à Fazenda a senhora sabe que pode achar o apoio de nós assim quando a senhora precisar.

Amor pelo seu ente familiar (famílias 3, 4 e 5):

- ✓ Família 3: Eu queria acrescentar é que Deus sempre ajude a gente, dizer que eu amo muito ele também e que a gente possa construir mais e mais.
- ✓ Família 4: eu digo pra ele eu vou te ajudar até quando eu puder, eu só não vou poder ir pro fundo do poço junto contigo, isso aí eu não vou fazer não, mas se você quiser minha ajuda, eu tô aqui pra lhe ajudar, (...) Se você não quiser tem um monte aí fora que quer ajuda...
- ✓ Família 5-A: Tem uma coisa aí: no ano passado ele teve mais uma recaída, (...) já apareceu aqui de madrugada querendo dinheiro, querendo dinheiro pra usar drogas. (...) Aí fiquei bem meia hora a gente tentando convencer ele, aí ah! quer saber de uma coisa, dei os 10,00 reais que ele queria ele foi embora e ele voltou mais tarde sereno, caiu aí e dormiu.

Amor pelo próximo (1, 2 e 4):

- ✓ Família 1: Do que depender pra Fazenda eu to aqui qualquer dia, qualquer hora, do que depender em termos de Fazenda da Esperança eu to aqui pra ajudar...
- ✓ Família 2: Olha, muito obrigada quando a senhora precisar, qualquer coisa assim relacionada à Fazenda a senhora sabe que pode achar o apoio de nós assim quando a senhora precisar.
- ✓ Família 4: (...) eu nunca faltei a nenhuma visita quando ele tava lá, até hoje, eu toda vida tô lá, eu, meu marido, minha filha, ela vai comigo mesmo, ela participa mesmo e eu falo pra ele, se quiser minha ajuda eu te ajudo, só não posso ir pro fundo do poço com você. Se você não quiser tem um monte aí fora que quer ajuda...

Esses exemplos vêm de encontro a celebre frase de Chiara Lubich, fundadora do Movimento Focolare, cujo carisma é adotado pela FE: “Amar é um bem. Saber amar é tudo”.